

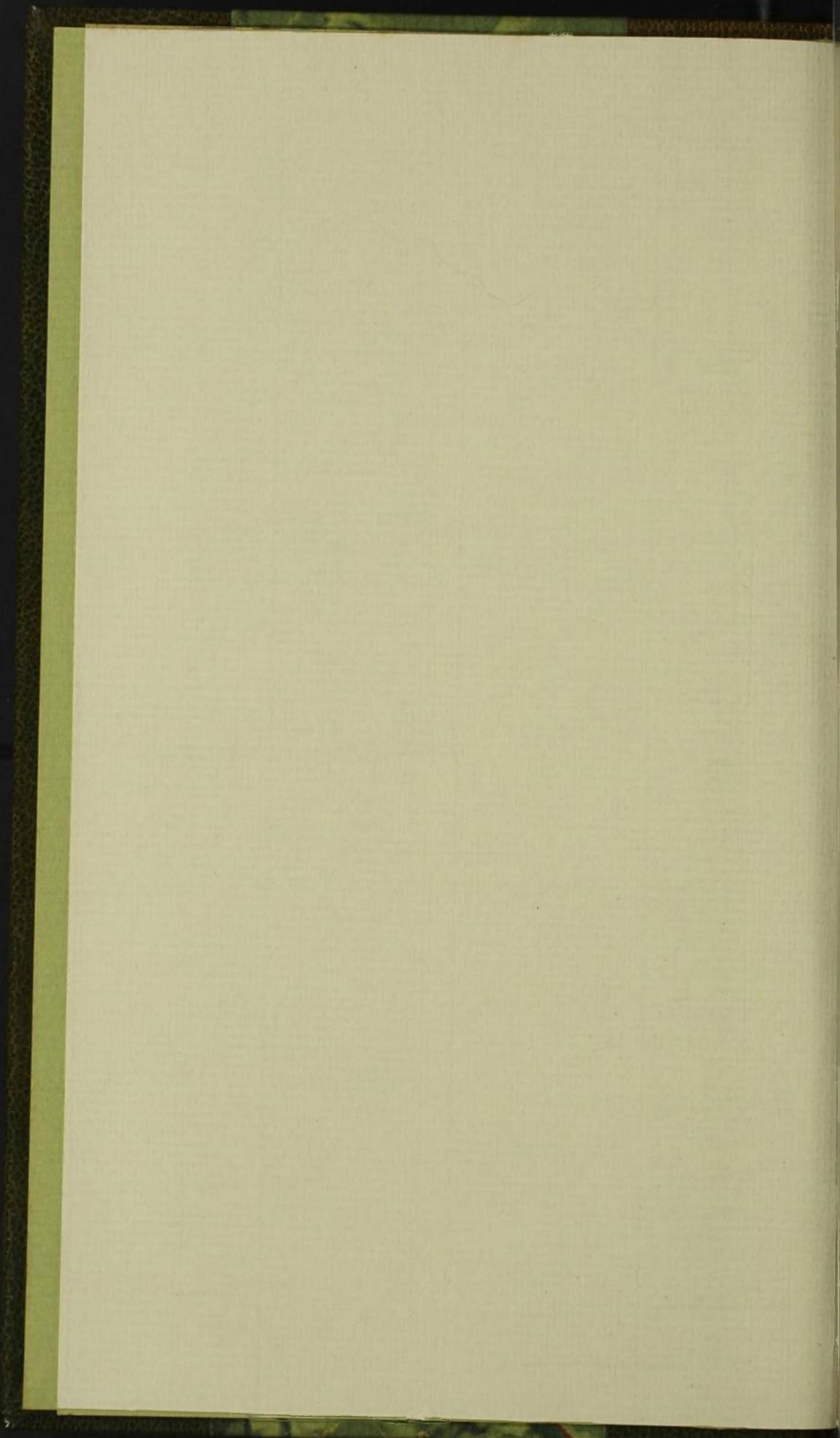


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

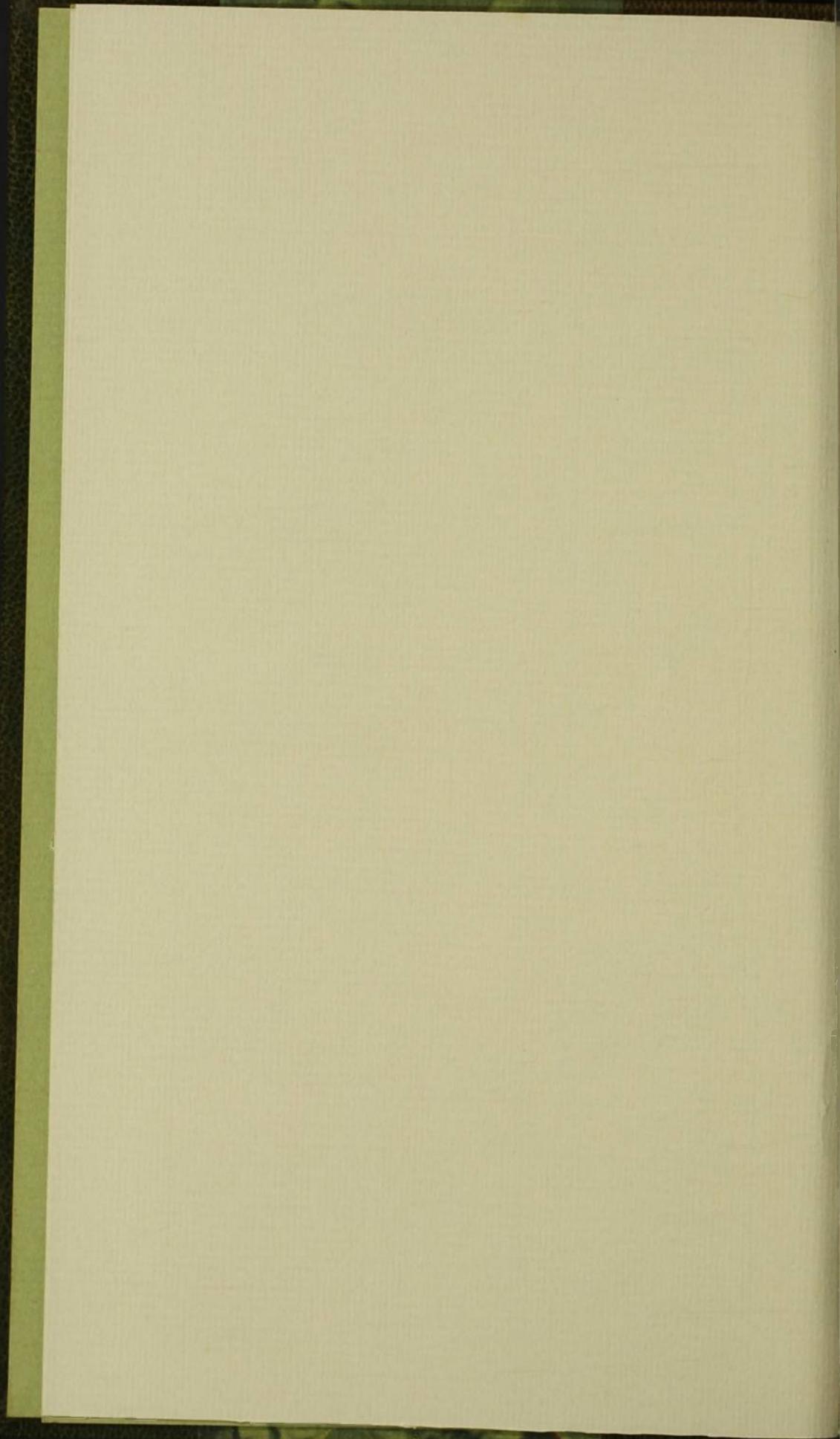
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

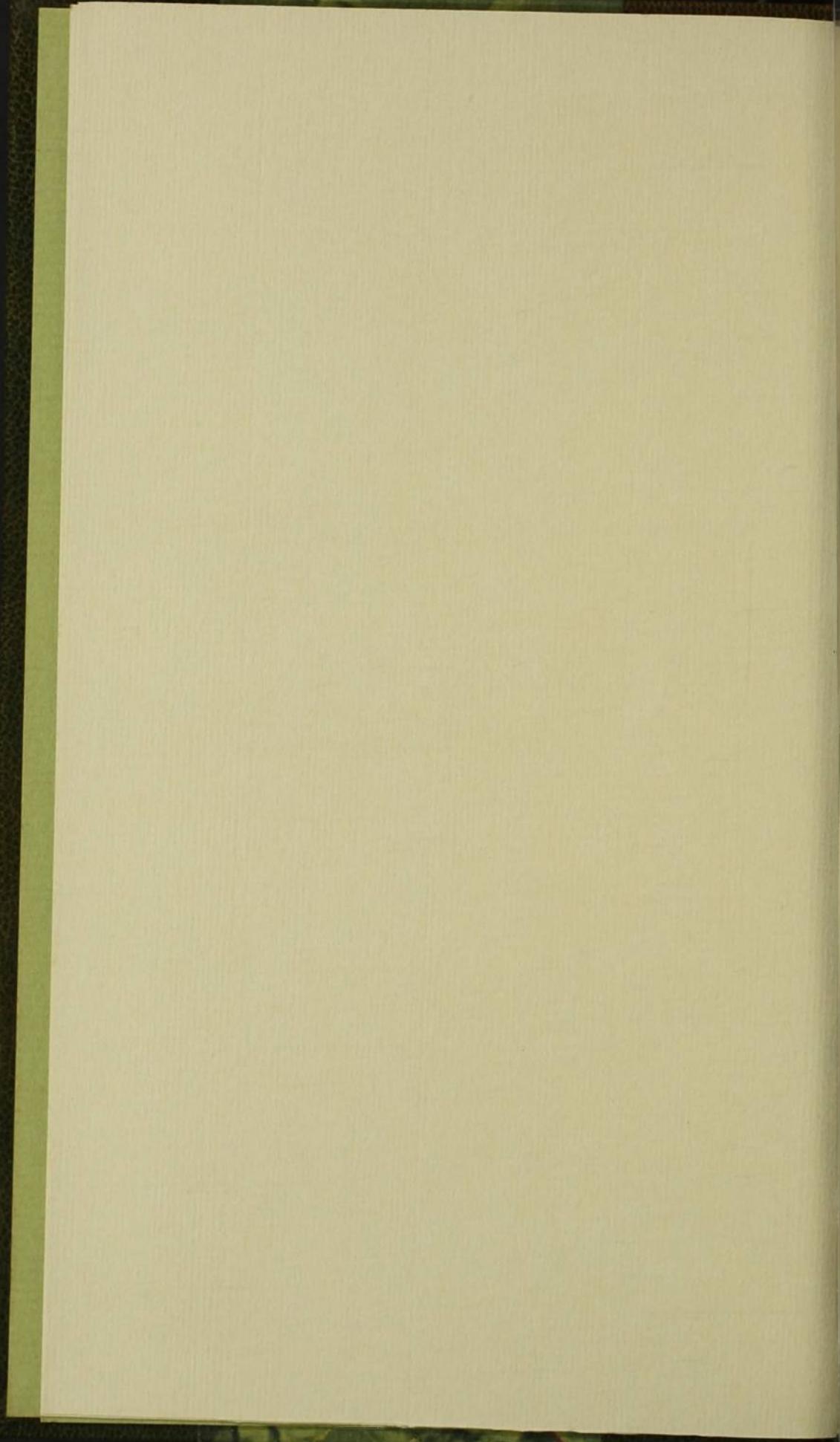




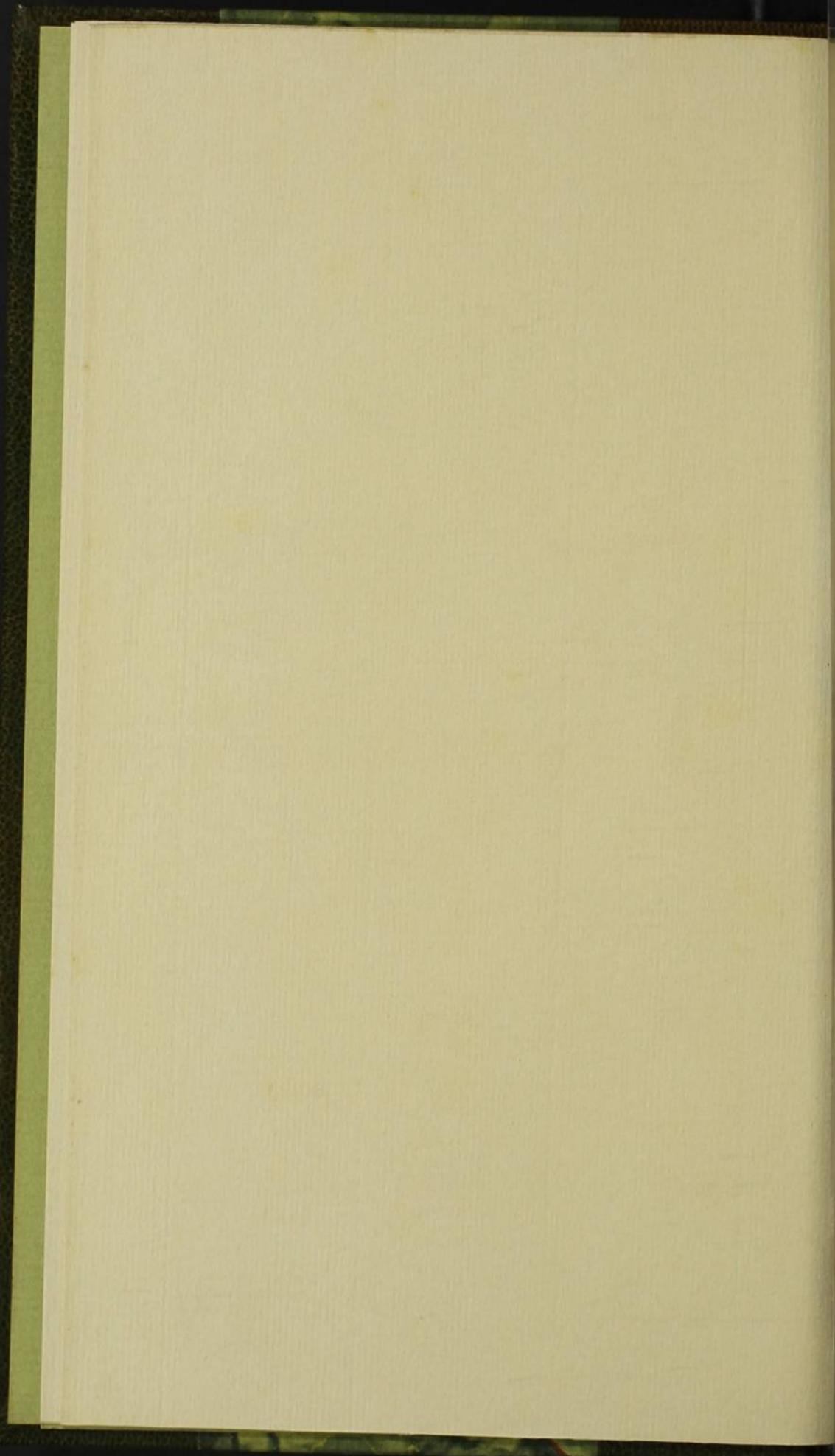








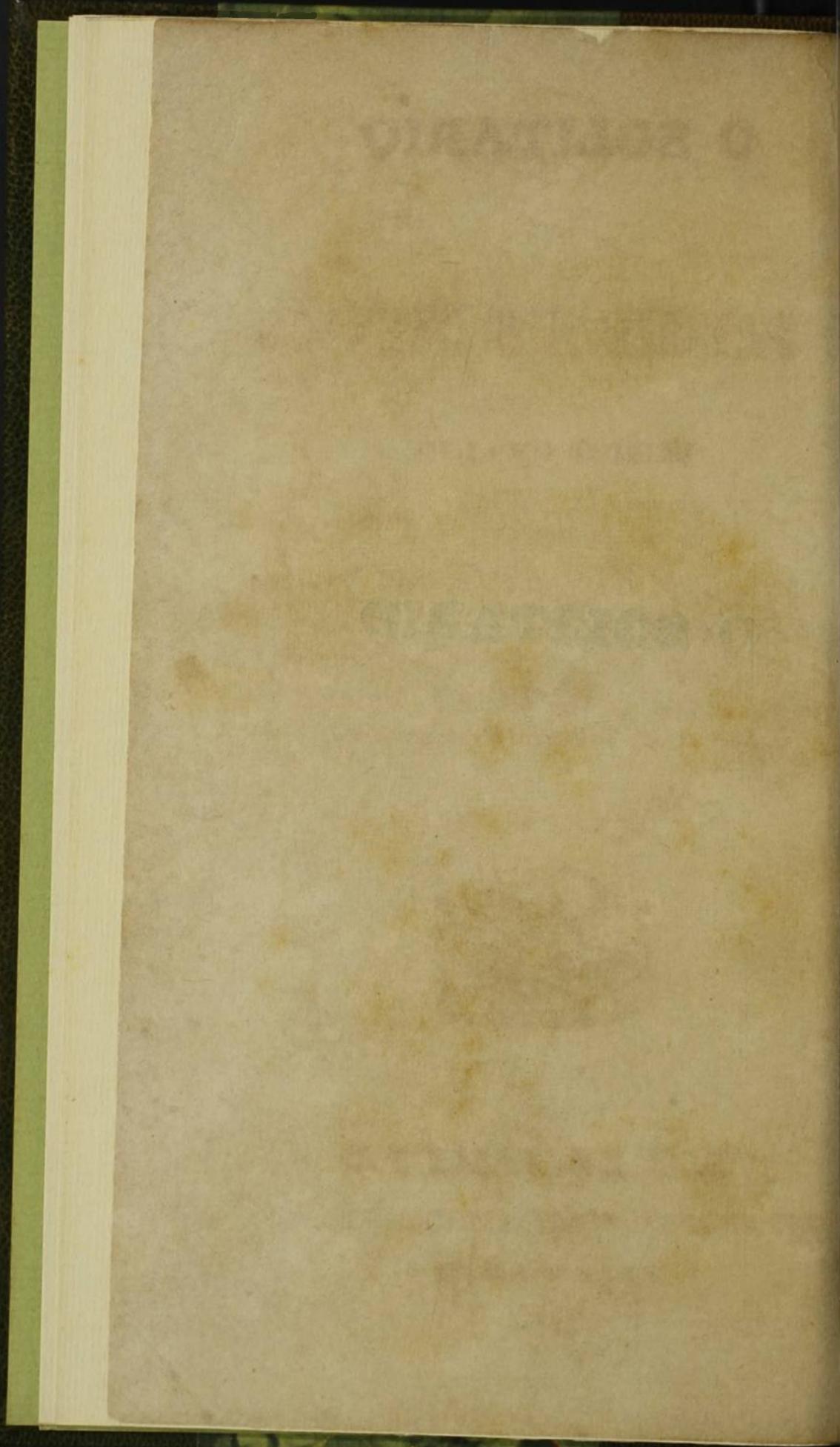




4769

P

**O SOLITARIO**



# O SOLITARIO

OU

## O PREMIO E O CASTIGO

DRAMA EM CINCO ACTOS

POR

*Theotonia Flavia da Silveira*

Approvado pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro

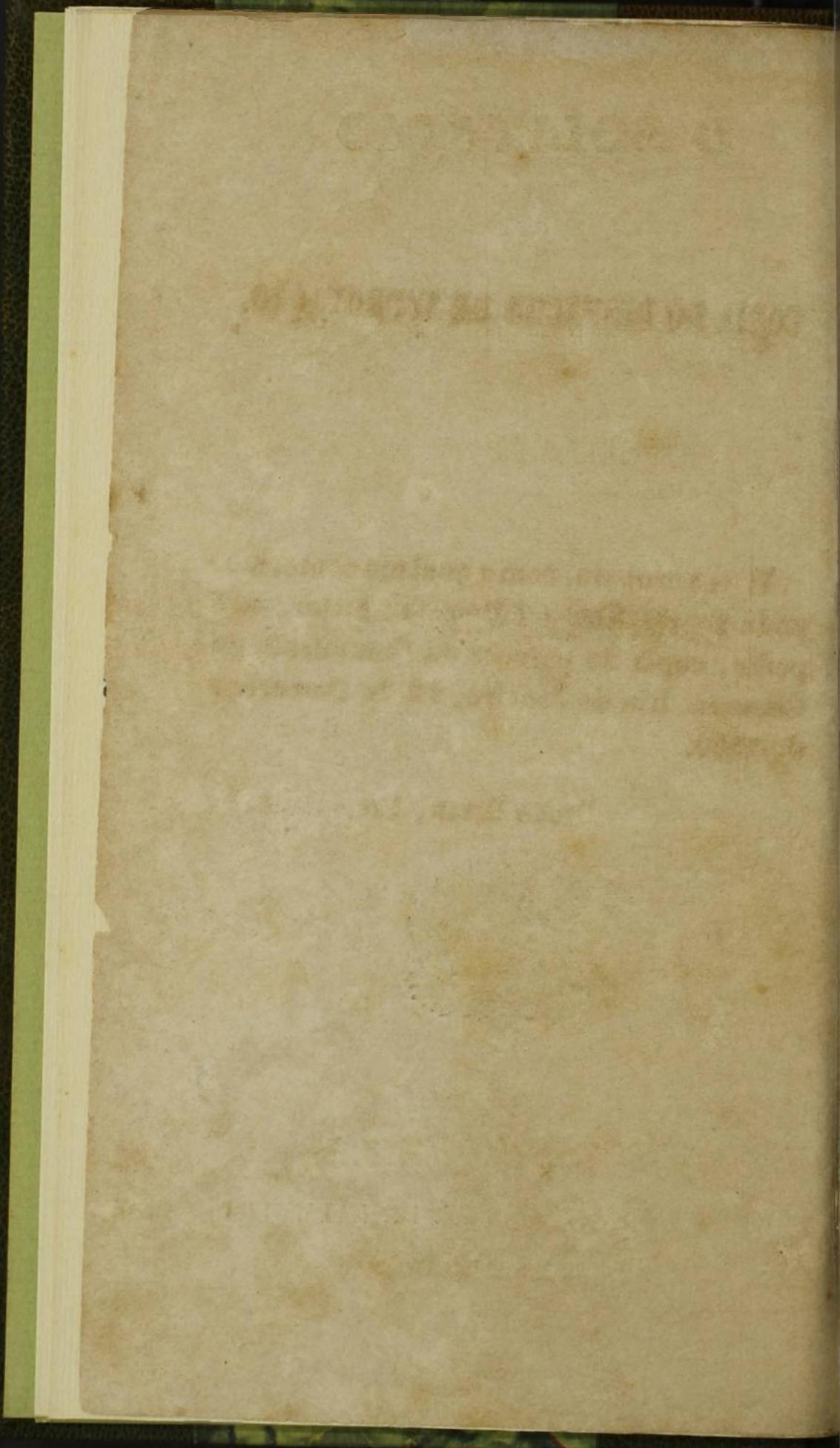


**RIO DE JANEIRO**

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

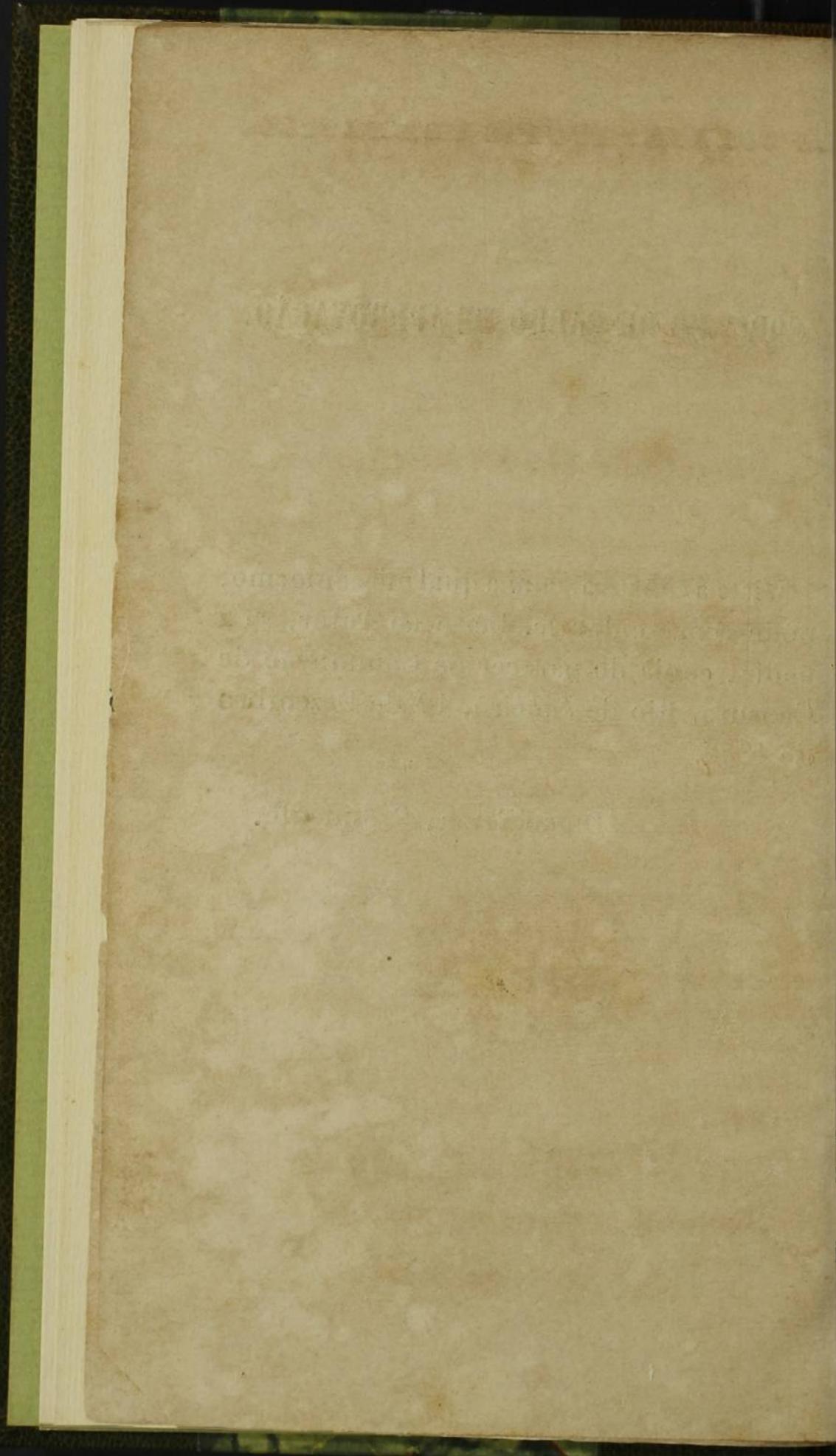
1851



**COPIA DO DESPACHO DE APROVAÇÃO.**

Vista a censura, com a qual me conformo, póde representar-se. Dê-se ao Autor, se a pedir, copia do parecer da Commissão de Censura. Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1850.

**DIOGO BIVAR, Presidente.**



AO CONSERVATORIO DRAMATICO,

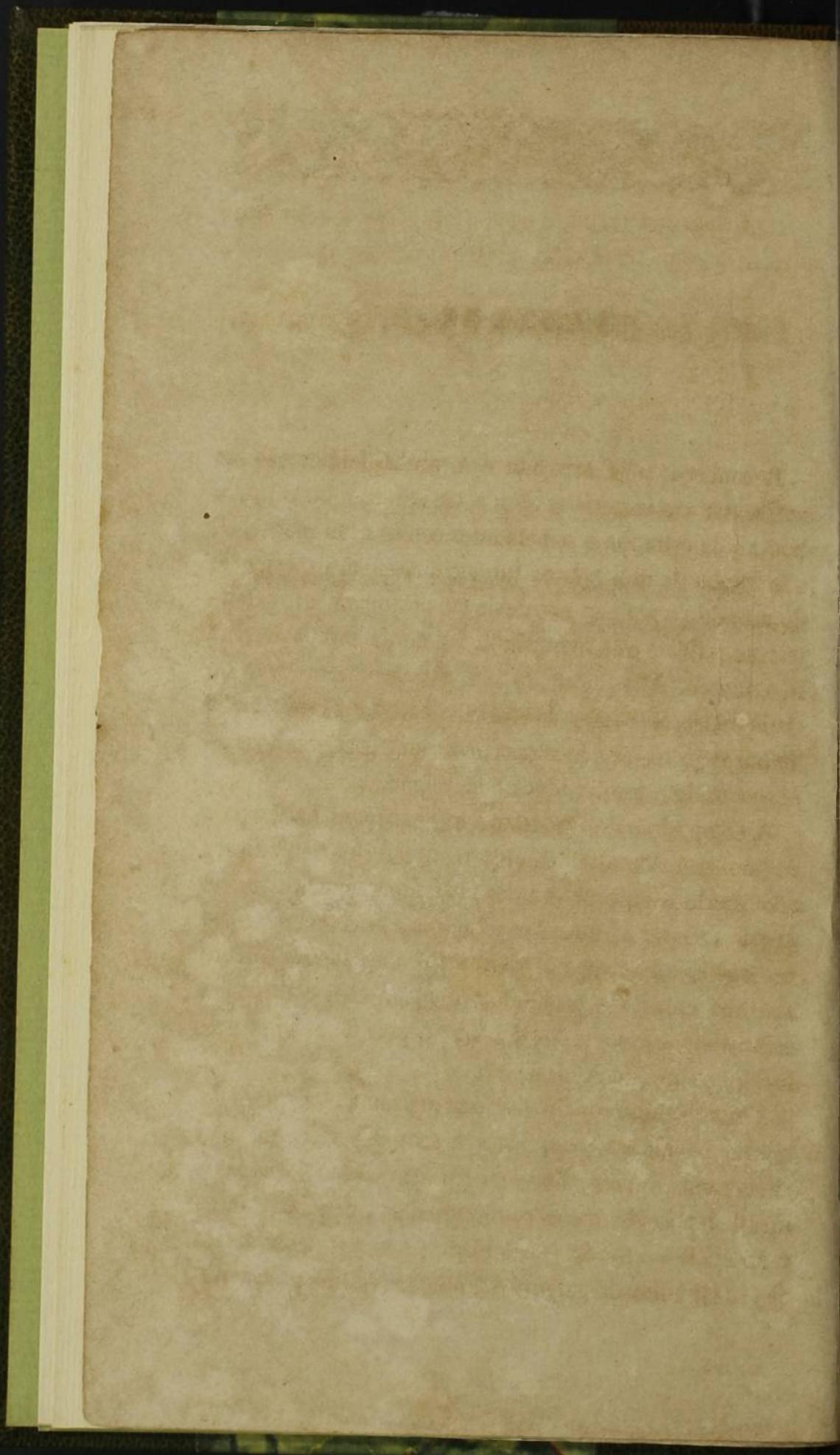
A TODOS OS SEUS AMIGOS E PARENTES

( Como primicias de seus trabalhos )

O. D. E. C.

O PRESENTE DRAMA

*O Autor.*





## PROLOGO.

Reconheço quão arrojada é a minha deliberação em apresentar tão imperfeita obra a tão severo e justo juizo. Sou ainda estranho a semelhantes cousas; sou mancebo, e mancebo de mui poucas luzes e quasi sem experiencia do mundo, e por isso não devia tão promptamente patentear ao publico este mesquinho fructo da minha inculta imaginação. Mas, bem ou mal escripto, sem erros ou cheio delles, foi começado com esperança mesclada todavia de um vago temor e incerteza, porque reconhecia e reconheço ainda a minha louca temeridade.

A composição de um drama me occupava ha tempo o pensamento. Por algum tempo meditei no que ia praticar; não queria aventurar-me em tão ardua senda, não me queria arriscar assim a dar principio a uma cousa que na verdade me não competia ainda; mas o meu louco intento se tinha enraizado profundamente em meu coração, e começando a executa-lo, dei-lhe, depois de assiduo trabalho, o fim que eu desejava.

Emprehendi e conclui pois o meu drama, todo obra da minha imaginação sem luzes e sem experiencia, mui cheio, sem duvida, de erros e imperfeições, devidas á insufficiencia de meus conhecimentos, á minha fraca capacidade e á minha pouca idade; e só o ardente desejo de, se fôr animado, algum dia talvez ser util á patria que

tanto prézo, me induzio a conclui-lo. E quando me entrelinha a escrever o que a imaginação me dictava, acommettia-me ás vezes um presentimento que, para assim dizer, me mostrava o começo do caminho a que eu desejava chegar a uma incommensuravel distancia. Deixava de prompto a penna, e seguindo a indicação desse presentimento, mergulhava-me em profunda meditação, lutando com o temor e com a incerteza, porque julgava não me ser possível chegar a esse tão almejado fim.

Quiz representar nas pessoas de Eduardo e Emilia, o amor e a resignação nos soffrimentos singulares deste mundo, onde muitas pessoas, ainda que pertencentes á classe remediada, mas impotente, se achão tantas vezes opprimidas; e sua fronte onde a virtude e a resignação se achão impressas radiando com toda a sua belleza, se acha ás vezes abatida por aquelles cujo poder é proveniente de suas vãs riquezas, e que, com mão de ferro, supplantão indignamente aquelles a quem odeião. Eduardo e Emilia soffrem com coragem todas as desditas causadas pelo odio e ciume daquelle que os persegue incessantemente, e finalmente gozão o premio que desejavão obter. Fernandez Guido, o homem opulento e artiloso, o homem sobrecarregado de crimes, obtém por esses mesmos crimes um castigo lento e merecido — o remorso. Elle, endurecido na maldade e no crime, teve, desde o descobrimento que deu principio ao seu castigo, um arrependimento que jámais o abandonou. Guiado pela mão castigadora da Providencia que lhe designára de antemão a sua expiação, amou, sem saber, aquella de cujos dias elle mesmo era autor, perseguio aquelle a quem ella só amava, raptou-a . . . e, depois de effectuar o seu rapto, reconheceu naquella a quem elle tambem amava — sua filha, que

abandonára antes mesmo de ter ella nascido. Começou aqui a sua expiação, porque então começou tambem a lembrar-se de seus crimes passados, daquella que abandonára, e em quem nunca mais havia sequer pensado!... Cumprio emfim o que devia cumprir, isto é, restitui-la áquelle a quem indignamente a raptára depois de longo tempo de continuas inquirições.

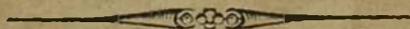
Eis o pensamento de que sahio o presente drama! Não sei (eu o confesso) se é bom se máu, e se é bem ou mal interpretado. Submetto-me por isso ás rectas observações do leitor, e, quaesquer que ellas sejam, ser-lhe-hei por ellas de boamente grato.

Sendo eu portuguez, imaginei tudo passado no terreno da minha cara patria. Quiz assim fazê-lo porque nella quiz affigurar sempre o fructo dos meus trabalhos e das minhas vigalias. Entretanto não fixei o lugar da acção, porque, sendo tudo obra da imaginação, não lhe quiz dar o character verdadeiro do drama historico. A mesma época não é fixa, mas imaginar-se-ha ser no decurso do decimo septimo seculo.

Os erros que neste drama se encontrar, desejo que se m'os note, para que eu, intentando fazer outros mais escriptos, me siga pelas observações que se me fizer. Mostrar-me-hei agradecido por isto, pois que na verdade se hão de encontrar erros a cada passo.

As minhas pouquissimas luzes e inexperiencia não derão para mais, e espero que a benevolencia dos meus leitores, guiando os meus vacillantes passos nos escabrosos caminhos da vida, me fortaleça e anime.

O AUTOR.



## PERSONAGENS.

EDUARDO.

FERNANDEZ GUIDO.

OLAVO, irmão de Eduardo.

GERONCIO, criado particular de Fernandez Guido.

ADRIÃO, velho criado.

GERVASIO.

ELIAS.

O CAPELLÃO.

O SACHRISTÃO.

EMILIA.

GENOVEVA, criada da mesma.

HOMENS DE FERNANDEZ GUIDO.

COMPANHEIROS DE OLAVO.

Em 168...

**I**

**PROMESSA E TRAIÇÃO**

PERSONAGENS.

FERNANDEZ GUIDO.

GERONCIO.

EDUARDO.

OLAVO.

ADRIÃO.

EMILIA.

GENOVEVA.

HOMENS DE FERNANDEZ GUIDO.

# O SOLITARIO

## ACTO PRIMEIRO.

### Promessa e Traição.

O theatro representa um bello jardim. — Ao fundo, um pouco para um lado, uma bella casa. — Noite de luar.

#### SCENA I.

FERNANDEZ GUIDO *entrando seguido de*  
GERONCIO.

FERNANDEZ GUIDO.

É este o lugar onde dous amantes extremosos trocão um com o outro suas fallas de amor, e será este o lugar em que me hei de livrar de um rival preferido.... Para elle, risos e ternura, e para mim talvez só venha o desprezo.... Não posso ouvir suas conversações, sem que me sinta acommellido pelo ciume... Mas que me importão agora essas conversações se eu hei de dar-lhes fim?... Ah! misero Eduardo! ah! malfadada Emilia! ambos não sabeis que tormenta se está armando para desabar sobre vossas cabeças!...  
(*Para Geroncio*) Examinaste bem todas as sa-  
hidas desta quinta, Geroncio?

GERONCIO.

Todas, como meu amo me ordenou.

FERNANDEZ GUIDO.

Já sabes o meu projecto, o qual se funda em apoderar-me desse rival quo ainda me não conhece, mas que breve me conhecerá... Mas vamos ao que primeiro nos importa. Cumpriste exactamente as minhas ordens?

GERONCIO.

Não faltei a uma só. — Corri toda esta quinta, e, graças ao bello luar que faz, descobri uma sahida particular sobre o caminho que vai até Souzél, que já sei a olhos fechados. Não se dá grande rodeio para aqui chegar, e, além disso, ainda mesmo que a lua se encobrisse, eu havia dar com ella. Sempre é uma entrada separada da principal, e é a que nos convém, porque no portão principal encontra-se ás vezes um velho criado desta casa, e, se acaso elle nos presentisse, poderia baldar o nosso intento, fazendo a sua participação a tempo.

FERNANDEZ GUIDO.

Por esse lugar retirado então é que havemos aqui entrar; mas depois sahiremos pela entrada principal, por nos ficar o caminho mais curto.

GERONCIO.

Depois do passaro apanhado, não haverá mais que receiar.

FERNANDEZ GUIDO.

Logo, quando ambos estiverem entretidos.

na sua conversação, entraremos aqui seguidos de alguns de meus criados. Has de postar-te a pouca distancia, enquanto eu andar por mais perto, e, quando me parecer, darei o primeiro signal, que será um agudo assobio, para te approximares; e ao segundo lançar-nos-hemos sobre a presa.

GERONCIO.

Tudo será executado como ordenais, meu amo.

FERNANDEZ GUIDO.

Sejamos diligentes. Vamos. (*Retirã-sc.*)

## SCENA II.

EMILIA, só, e depois de examinar a scena.

É já noite fechada, a lua esparge sua melliflua luz prateada por sobre estes campos, e Eduardo ainda não apparece!... Oh! são tão longas as horas de espera! Tudo ao redor jaz no silencio e na solidão.... Nem o remanso e monotonico correr dos regatos ouço sequer! Apenas uma ligeira brisa, perfumada pelas suaves emanações das plantas e das flôres, vem animar este ameno e tranquillo retiro... Meu Deos! como pela vossa infinda bondade me haveis outorgado até então tão doce viver!... Ah! a vós devo os dias que, para mim, se hão aqui deslisado tão felizes!... Mas... no meio mesmo deste doce viver não me vem tambem ás vezes um pensamento doloroso?...

Sim, penso em minha infeliz mãe que me deixou para sempre na tenra idade de sete annos! — Expirando, deixou-me esta quinta para onde veio habitar depois da sua desventura, e deixou-me tambem a segura companhia de dous servos fieis; e, além disso, deixou-me este precioso objecto! (*Tirando do seio um pequeno retrato, que, pouco depois de o contemplar, o torna a guardar.*) É a sua fiel imagem: nunca a largarei, porque ao menos enlevar-me-hei contemplando-a. (*Limpando uma lagrima.*) Infeliz mãe! deu-me este retrato para eu vê-la a todo o instante que queira. Deu o ultimo suspiro pronunciando o meu nome, e perdoando, como já muitas vezes o havia feito, a um marido cruel que a abandonára pouco tempo depois de a ter desposado!... Ah! e esse homem, ella me dizia que era meu pai... mas nunca me quiz dizer o seu nome... Oh! meu Deus! mesmo assim se eu o pudesse ainda ver... conhecer!... se por acaso algum dia o encontrasse e visse elle este retrato, reconheceria minha mãe, e, sorprendido, talvez proferisse o seu nome.... Como ficaria eu contente em conhecer meu pai que certamente tambem me não conhece, pois que nem me vio quando nasci! No entanto minha mãe me disse algumas vezes que elle não nascêra em Portugal; mas tambem nunca me disse de que paiz era.... Ponho pois minha esperanza em Deus. (*Pausa.*)  
Deixará portanto Eduardo de vir? — Não....

elle ainda ha de vir. Quão impaciente sou!....  
Ahi vem porém os meus dous fieis servos.

## SCENA III.

EMILIA, ADRIÃO E GENOVEVA.

EMILIA.

A vossa vinda me agrada, Genoveva; assim  
como tambem a vossa, meu bom Adrião. Vinde;  
o luar está mui bello, a noite suavissima.

GENOVEVA.

Não é muito do nosso gosto andardes sósinha  
de noite por aqui. Viemos para vos fazer com-  
panhia.

ADRIÃO.

Se bem que ella seja quasi dispensavel, por-  
que este lugar é todo de socego.

EMILIA.

Oh! minha boa gente, entretanto é de agra-  
decer o vosso zelo. Sempre me haveis estimado  
tanto!

ADRIÃO.

Assim deve ser, porque ambos ajudámos a  
criar-vos. Não vos lembrais quando, trazen-  
do-vos nos braços, estendieis vossas mãozinhas  
para agarrar em meus cabellos já brancos, e  
passa-las depois pela minha já enrugada face  
para me alegrar com vossas infantis caricias? —  
Bem pezar tive de não estar ao serviço de vossa

mãi antes de nascerdes. Poucos dias depois do vosso nascimento foi que entrámos para o serviço de vossa virtuosa mãi, e que tem continuado desde dezoito annos, e que ainda continuará.

EMILIA.

Ah! no meio da vida tranquilla que hei passado comvosco, a triste lembrança de ter perdido minha mãi ainda tão moça é que me cobre ás vezes de um véo de tristeza.

GENOVEVA.

Certamente.... vossa mãi era um anjo de bondade, e não sei porque vosso pai a deixou sem ao menos ter-vos visto nascer.

EMILIA.

Vós ambos sabeis, isso, porque ella uma vez o disse a vós tambem.... Boa e querida mãi! se fosses viva...

ADRIÃO.

Deixou-vos comtudo com que passardes agradavelmente e feliz. Deixou-vos porém dons muito mais preciosos ainda: a virtude, na qual tão fielmente tendes perseverado, segundo as boas lições e conselhos de vossa mãi; e a bondade que ella insinuou em vosso coração que jámais se ha alterado.

EMILIA.

Ai de mim! lamento tão infausta perda! Agradeço-lhe todavia em seu proprio tumulto suas lições e conselhos maternos, e bemdigo essa

mão bemfazeja que, lançando-me a sua benção na hora extrema, me accumulou de tantos beneficios! Fez-me jurar em seu leito de morte de perseverar na virtude, e assim tenho feito, vós bem o sabeis, meu Deos! Deixou-me demais ainda com que passar a vida independentemente e com decencia, para o que bem sabeis, Adrião, ponho em tudo estricta economia. Amei sempre em extremo a simplicidade decente, emquanto desprezei tudo quanto é faustoso em demasia, a tornar-se quasi sempre ridiculo.

GENOVEVA.

Vossa mãe tinha o mesmo genio. Sempre teve aversão a tudo quanto é exagerado. Vinde porém para casa, minha ama. Toda a nossa gente nos espera. Vinde cear.

EMILIA.

Vou para casa, mas com pouca vontade de cear. (*Erguendo-se do lugar onde tem estado sentada.*)

ADRIÃO.

Não importa. Podeis entretanto experimentar. (*Sahem.*)

## SCENA IV.

## EDUARDO E OLAVO.

(Ambos vem pelo lado opposto ao por onde sahira Fernandez Guido, e como na continuação de uma conversa.)

EDUARDO.

Olavo, que dizes?!.. Oh! é possível?

OLAVO.

É a exacta verdade. Tens um rival que me parece ser bem perigoso. Segundo me parece, é de character allivo e insolente.

EDUARDO, *resoluto.*

Não o temo: appareça... E agora que aqui estou, hei de retirar-me sem vê-la?

OLAVO, *á parte.*

Como amor o enleva! (*Alto.*) Evita porém algum encontro sanguinolento.

EDUARDO.

Não sendo elle traidor, não o temo.

OLAVO.

Só a traição é que podes temer: acautela-te portanto.

EDUARDO.

Acautelar-me-hei, fica descansado.

OLAVO.

Porém contra a traição não pôde haver cautela.

Esse homem sinistro e perigoso odeia-te certamente, porque ama a mesma donzella que amas.

EDUARDO.

E que importa que elle a ame, se eu tenho a firme crença que ella nunca o amará?

OLAVO.

Por isso mesmo, elle irritado, armado pela traição, e com a inveja no coração, não lhe cuspitará talvez interpôr terriveis obstaculos á tua felicidade.

*(Pelo seguimento desta scena começa a escurecer pouco a pouco.)*

EDUARDO.

Apezar do que me dizes, Olavo, nunca me pareceu estar tão contente. O meu pensamento não se preoccupa sequer com o que me dizes, e só se fixa no rosto candido e nas graças de Emilia. Sim: existo a sós com um pensamento: Amor!... Oh! se amasses uma donzella qual ella é, se ouvisses suas vozes suaves, todas de amor, através das quaes descortinasses a candidez de sua alma, e, quando ella fitasse seus olhos ardentes nos teus, confessando-te só por meio delles o sérvido amor que lhe inspirasses e que ella tambem te inspirasse, oh! então tudo desprezarias, tudo affrontarias só para ter a ventura de sempre vê-la, e dirias o mesmo que acabo de dizer-te.

OLAVO.

Já amei, meu irmão, mas o meu amor foi

infeliz, e agora dediquei-me inteiramente a ti; nunca te abandonei, e jámais te abandonarei. Sempre te segui para onde quer que ias, sempre prompto a proteger te; e minhas palavras ás vezes reprehendedoras, mas dictadas pela sinceridade de um bom irmão, erão para te arredar de algum perigoso trilho por onde ás vezes querias caminhar.... Mas ah! por fim tomaste um que me foi impossivel obstar-te para que o trilhasses, porque bem vi que, quanto a esse novo rumo que tomaste, não podia instar para que deixasses de segui-lo.... Era o caminho que te conduzia á ventura e ás delicias de amor, e é ainda o caminho pelo qual és arrastado por essa força indizível, mysteriosa, que tão fortemente te arrebatava.... Eu, que sempre tenho observado os teus passos, que sempre te tenho vigiado, descobri, com funesto presentimento, o que nunca desejava descobrir.... E o que descobri eu?... Um rival, um homem sinistro que me parece assaz perigoso para a tua segurança e para a tua felicidade.

EDUARDO.

Oh! que funestos vaticinios, Olavo!... Porém deixar hoje de vê-la, de fallar-lhe.... perder tão ditosos momentos!... nunca, Olavo, nunca!

CLAVO.

És inflexivel!... Julgas por ventura perder a tua felicidade? Não te lembras dos sinceros jura-

mentos que ella te tem feito? Não acreditas em suas palavras?

EDUARDO.

Quem mais as crerá do que eu?... (*Com transporte d'alma.*) Oh! quem mais do que eu ardentemente crerá em suas meigas palavras arrancadas do intimo de sua alma pura como o lirio!

OLAVO, *compassivo.*

O amor te allucina sem duvida, meu pobre irmão! Vês certamente o perigo que te ameaça, e não o temes; o abysmo que se abre ante ti para receber-te em suas hediondas fauces, e não o evitas. Entretanto não te inculpo, porque por isso tambem passei. Esse cego amor de que te achas possuido, abrasou quanto pôde o teu coração.... Olha, a lua encobrio-se; do horizonte surgem densas e medonhas nuvens; a atmosphera tolda-se pouco a pouco; a noite de tão bella que estava, vai-se tornando horrivel, e pouco tardará talvez que a tormenta arrebente. (*Começão a fazer relampagos que se amiudão pelo acto adiante.*) A aragem que corria ha pouco tão fresca, tão perfumada, tornou-se glacial; o céo está negro, e a noite mais se adianta; o relampago alumia já esta solidão... Ainda queres ficar?

EDUARDO.

Nada vejo que a isso me ponha obstaculos....  
Olavo, quem m'o impedirá?

OLAVO.

Já vejo que tudo é impossivel... Imprudente! imprudente!... Ah! praza a Deos que, quando te arrependeres, seja já tarde... Praza a Deos que não sôe a teus ouvidos o gemer de duas tormentas!...

EDUARDO, *com espanto.*

Que terriveis palavras acabas de proferir! Hoje estás cruel!...

OLAVO.

Razão tenho para isso, temerario mancebo.

EDUARDO.

Hoje porém mais do que nunca... E que lembranças assustadoras te assaltão! que tormentas são essas? Dize-me, caro irmão.

OLAVO.

Pobre Eduardo! entretanto encaro com alguma compaixão tua ousada e louca persistencia! — Queres pois saber quaes as tormentas que eu temo gemão ao mesmo tempo a teus ouvidos? — São: a tormenta originada segundo uma das leis da natureza, que talvez pouco tarde a arrebentar, e a tormenta que o odio, a traição e a inveja farão rebentar sobre ti.

EDUARDO, *com espanto.*

Ah! que dizes?!...

OLAVO.

Quando a fortuna fugir-te, e a desgraça se te approximar a passos largos, arrepende-te-has, mas tardiamente, e verás então que o que vati-

cino é verdadeiro, e que é para bem teu. Faze porém o que te aprouver, obra como te parecer, e se algum acontecimento funesto sobrevier, queixa-te contra ti mesmo. (*A trovoada começa a roncar.*) A noite vai ficando cada vez mais tenebrosa. O rebombo do trovão vai se fazendo ouvir.... (*Pausa.*) Dize-me pois, Eduardo; não temerias ver perante ti um rival que puzesse a sorte do teu e seu amor na ponta da espada ou na ponta do punhal?... Não temerias que o teu rival soubesse melhor do que tu acertar o golpe, e assim impedir-te de gozares do teu amor?... Não te lembrarias também que, depois, com o ferro ainda tinto em teu sangue, poderia, arrebatado de ira, apparecer diante dessa a quem amas, dizer-lhe também que a ama, e que, se acaso ella tudo recusasse e lhe resistisse, exasperando-se elle ainda mais por ouvir uma inesperada recusa, descarregasse o ferro ferozmente sobre a tua amante?... Exagerei aqui um pouco, é verdade; mas se assim acontecesse?

EDUARDO, *impaciente.*

Oh! o que me dizes é horrivel.... É muito.... é já muito, Olavo.

OLAVO, *com calma.*

Acalma-te, Eduardo, não te exasperes. Deixo-te só, porque, a bem dizer, não attendes ao que te digo. Retiro-me para lugar perto, e vigiar-te-hei. (*Sahe.*)

## SCENA V.

EDUARDO , só depois de pausa.

Impressionarão-me assaz as palavras de Olavo, e entretanto não me é possível afastar deste ameno e tranquillo retiro estando perto de vê-la e fallar-lhe. Nutro por ella o mais puro e sincero amor; por ella tudo affrontaria, e hei de agora ter a cobardia de subtrahir-me aos perigos que Olavo prevê? Não!... Jámais me mostrarei cobarde para com esse rival que ainda não conheço. Se elle não fôr traidor e cobarde, apparecer-me-ha só, e então avaliaremos o peso de nossos golpes.... (Pausa.) — O que ambicionava finalmente, possuo o amor de Emilia... Oh! ama-la, e ser por ella amado! Que prazenteiros momentos se não deslisaráõ aqui! No seio da felicidade e vivendo, a par della, a feliz vida privada nesta tão amena solidão, que de antemão parece querer annunciar-me os dias tranquillos e felizes que por certo Deos me ha de conceder.... Quão lento se passa o tempo!... Jaz tudo em completo silencio....

## SCENA VI.

EDUARDO e EMILIA.

EMILIA,

Eduardo!

EDUARDO.

Emilia!... Ah! eis-vos emfim! Se soubesses quão longo e penoso tem sido o tempo que vos tenho esperado.... mas agora.... (*Com ternura*) agora que vos tenho diante de mim....

EMILIA, *sorrindo-se com amor.*

Outro tanto vos digo.... São tão longas as horas de espera!

EDUARDO.

E tão curtos estes doces momentos! Decorrem tão 'velozmente, que nem dizemos um ao outro tudo quanto desejamos dizer... Ah! não esqueçamos porém as nossas fervorosas promessas já tantas vezes repetidas.... (*Pegando ternamente na mão de Emilia e beijando-a.*) E esta mão.... na qual imprimo meus labios, e da qual pende toda a minha ventura, a mim é que ha de pertencer...

EMILIA, *ternamente.*

Assim o jurei... Repito ainda a minha promessa—Nunca será de outrem... Oh! e não é bastante isto, Eduardo, para provar-te o meu amor?... O Céu recebeu nossos sinceros juramentos—nenhum poder humano póde dissolvê-los!... E, além disso, que doce enlevo não se sente n'alma pelas impressões de um primeiro amor!... São impressões indeleveis que se fixão para sempre no coração de uma mulher que ama verdadeiramente, e que é amada.

EDUARDO.

Oh! quão suaves são tuas palavras!..., Doce

encanto da minha vida! nunca duvidei do teu amor, como nunca tambem duvidaste do meu... Temos ambos disso sobejas provas... — Vi-te e para amar-te foi um momento. Tive a ventura de ganhar tua affeição e em breve o teu amor. — No meio desta amena solidão em que vives, Emilia, oh! como é bello fruir estes ditosos instantes em que te vejo junto de mim, e trocarmos estas fallas arrancadas com tanto prazer do intimo de nossa alma abrasada!... A solidão! como é doce a solidão! verdadeiro e tranquillo asylo do amor, da virtude e da felicidade!... E ambos nós amamos a solidão, e fugimos ao continuo movimento da côrte.

EMÍLIA.

Sim, porque á vontade, livremente, e com mais encanto são embellecidos pelo amor os nossos projectos de porvir... E não foi aqui, entre esta verde folhagem, que foi, por assim dizer, consagrado o nosso amor?

EDUARDO.

Que doces expressões te acodem sempre aos labios!... Sim, lembro-me sempre que foi aqui que pela primeira vez nossos olhos se encontrão, lembro-me que foi aqui que revelámos um ao outro o nosso amor, e lembrar-me-hei sempre destes dias afortunados que parecem annunciarnos um destino tão bello!... Ah! Emilia! quando o hymeneo nos prender com laços indissoluveis, e quando então divagarmos alegremente por

esta tranquilla solidão ao despontar o sol no horizonte, contemplando o risonho aspecto dessas bellas campinas humedecidas pelo orvalho, cujas gottinhas resplandecentes se divisem nas tenras folhas das plantas, nossa alma se disporá sem duvida á admiração e ao reconhecimento, e então renderemos graças ao Creador por nos outorgar tamanha felicidade... Oh! Emilia, este destino commum a ambos, Deos nos ha de conceder de certo.

EMILIA.

Assim desejo que seja... Ah! Eduardo, tudo para mim tem sido até então prazer e alegria, tudo!... Meus sonhos mesmo me são tão agradaveis!... Ultimamente tive um que me commoveu até o intimo do coração, e se elle se realisar como tenho a firme esperança, oh! então...

EDUARDO.

E que sonhos terás senão de amor? E como são? com quem são?

EMILIA.

Successivamente com minha mãe... (*Com muito amor*) e contigo tambem... Este ultimo porém foi com minha mãe, o qual me deixou enlevada por doce esperança. — Passeiava eu neste jardim em occasião que elle estava todo florido, e colhia diversas flôres. De repente achei-me enleada nos braços de minha cara mãe que derramava lagrimas de prazer dizendo-me: « Muito me satisfaz o teu sincero amor por

\*

Eduardo; ama-o, pois elle tambem te ama de todo o coração. Para o futuro sereis felizes... »

EDUARDO, *enternecido.*

Emilia! (*Com transporte d'alma*) Oh! vê como é abençoado o nosso amor!... Tua mãe te apparece em sonho para repetir as bençãos que nos tem lançado de dentro de seu tumulto.

EMILIA, *attendendo aos trovões que se amiudão com força.*

Ah!... meu Deus! e nem sequer damos ouvidos á voz terrivel do trovão!... nem olhos á luz do relampago!...

EDUARDO.

Tal é o nosso enlevo, e a nada attendemos senão agora.

EMILIA.

A noite ha de ser terrivel... Recolhamo-nos por um pouco...

(*São interrompidos pela vinda repentina de Olavo.*)

## SCENA VII.

EDUARDO, EMILIA E OLAVO.

OLAVO, *em susto e desespero.*

Eduardo, estás perdido. Alguns homens armados para aqui se encaminhão seguindo o teu rival.

EMILIA, *assustada.*

Meu Deos! que ouço?...

EDUARDO.

O meu rival!... Ah! (*Desembainhando a espada*)  
quero conhecê-lo.

(*Ouve-se um agudo assobio.*)

OLAVO.

Este assobio é certamente o signal.

EDUARDO.

Olavo, protege-a, defende-a... Deixa-me só...

(*Segundo assobio.*)

OLAVO.

Ouves?

EMILIA, *afflicta.*

Ah! eu tudo ignorava... Retiremo-nos... fuja-  
mos, Eduardo...

### SCENA VIII.

*Os mesmos e FERNANDEZ GUIDO, seguido de  
alguns homens armados e de GERONCIO.*

FERNANDEZ GUIDO.

Apoderar-me-hei primeiramente da minha  
presa. (*Aos homens apontando para Eduardo*) Ah!  
o tendes...

(*Os homens lanção-se sobre Eduardo puzando  
suas adagas. — Eduardo resiste violentamente; mas  
por fim cedendo á força, é arrastado para dentro.  
— Emilia, vendo isto, dá um grito e cahe desmaiada  
sobre um banco de relva a um lado da scena: é am-*

*parada por Olavo que lança sobre Fernandez Guido um olhar furioso. — Tudo isto faz-se rapidamente.)*

EDUARDO.

Ah!... traidor, só assim me poderias vencer.

OLAVO, *com voz terrivel.*

Infame!... cobarde!

FERNANDEZ GUIDO, *olhando para EMILIA.*

Amanhã fallar-lhe-hei. (*Sahindo*) Elle é só: não me escapará.

EDUARDO, *em distancia.*

Infame!

*(A tempestade arrebenta com furia.)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



**II**

**A FUGA**

PERSONAGENS.

EDUARDO.

FERNANDEZ GUIDO.

OLAVO.

GERVASIO.

GERONCIO.

EMILIA.

Homens de Fernandez Guido.

Companheiros de Olavo.

# O SOLITARIO

## ACTO SEGUNDO.

### A Fuga.

Um vasto e horrivel subterraneo, cujas paredes humidas e de-negridas mostram grandes fendas, onde se vêm alguns vegetaes esbranquiçados que medrão ordinariamente nos lugares humidos e retirados da luz do dia. — A' direita uma porta, na parte superior da qual, ha um pequeno postigo. — No fundo, junto ao angulo que é formado com o lado esquerdo, ha uma pequena porta, a qual abrindo-se deixa ver uma estreita escada interior algum tanto escura. — Um pouco para um lado, uma toska mesa de madeira ordinaria e ennegrecida pelo tempo. — Uma lanterna accesa sobre a mesa, é a unica luz que allumia este lugubre lugar. — Eduardo está sentado em um banco junto da mesa, melancolico, muito pallido, com ar sombrio, e os braços cruzados.

### SCENA I.

EDUARDO — *só* — *depois de breve silencio e examinando em roda.*

Eis a morada em que ora habito... Morada pavorosa onde certamente forão abafados os gritos de muitas victimas moribundas... onde certamente se occultarão muitos crimes á vigilancia dos homens!... Morada pavorosa e mortifera, que enche de horror a quem a contem-

pla, que dá morte lenta a quem nella vive... Morada horrivel, em cujas abobadas retumbão ainda os gritos de maldição arrancados de peitos crivados de feridas abertas pela mão sanguenta do assassino.... Morada do crime, sem duvida, onde já o sangue jorrando ás golfadas de innumeras chagas, manchou para sempre as mãos dos que as abrirão, e fez que o Céu, em sua justa ira, os marcasse com o ferrete da sua eterna reprovação..... Morada, emfim, onde talvez se occultárão mil latrocinios, e onde se urdirão mil infamantes projectos!... — Eis pois a minha actual habitação!... Eis onde fui encerrado ha um mez por um traidor... Jazendo só nas profundezas da terra, respirando o ar humido e mephitico que aqui circula, recosto-me sobre esta mesa para repousar um pouco se me não quero deitar neste frio chão... Mas repousar!... como? se eu verdadeiramente nunca mais tive um momento de repouso reparador!... Meu corpo enfraquecido mal se sustêm em pé ás vezes, e o pezar... e a frialdade desta negra masmorra cobrirão-me com a livida pallidez da morte!...

Esta reclusão infame leva-me ás vezes ao extremo furor... Quero sahir, encontro a inabalavel resistencia destas portas, que, quaes dous horrendos fantasmas, se oppem fortemente ao meu intento de evasão. — Clamo por soccorro, clamo vingança, e só o echo me responde re-

enviando-me minhas proprias palavras; e logo depois tudo jaz em pavoroso silencio. Peço o auxilio da morte, e até a morte tem sido surda aos meus gritos de desesperação.... Tudo tem sido em vão, tudo!... — Ah! talvez que neste momento esse homem cruel que aqui me encerrou pise o soalho que existe por cima desta velha abobada, com a altivez e insolencia do homem endurecido no crime e na maldade.... (*Enfurecendo-se gradualmente*) E contempla talvez com indifferença suas riquezas, donde provém seu nefando poder... E encara com desdem a desventura alheia, encarando tambem com o riso da crueldade para o soffrimento dos que elle opprime.... Ah! a maldição do Céu sobre ti que me tens opprimido com o peso do teu abominavel poder... Maldição sobre ti que me arrancaste do seio da ventura, e que de um momento para o outro me precipitaste, por meio de vil traição, neste antro subterraneo prestes a se desmoronar e ficar eu sepultado sob suas ruinas... Maldição sobre ti que nessa noite funesta appareceste ante mim como uma hedionda visão, escurecendo e usurpando a minha felicidade... (*Pausa*) — E nem sequer um mólho de palhas me mandou aqui pôr onde eu estendessem meu afadigado corpo que jaz ás vezes em lethal fraqueza... — Um homem apenas aqui vem trazer-me a mesquinha ração que me serve de diario sustento, e elle, por compaixão, dei-

xa-me ao menos a fraca companhia da luz desta lanterna... (*Pausa.*)

Ah! o amor, o amor quão funesto é ás vezes!... O amor que parecia annunciar-me um porvir tão ditoso, foi a origem da minha desgraça.... Foi elle que, entretendo-me em fagueiras le-dices, me prestou a mão para me ir approxi-mando com passo incerto do caminho que con-duz á desgraça. Oh! ei-lo principiado de uma maneira bem atroz, e quem sabe onde elle irá ainda ter?... Talvez muito longe!... — O amor! esse encanto e delcete suave que se insinuou tão docemente em minha alma, lançou raizes pro-fundas em meu coração. Este pensamento deli-cioso nunca me abandonou, porque a imagem bella e candida de Emilia sempre se me antepõe risonha e encantadora como sempre.... Sim, Emilia, nunca te esqueci, como tambem por certo não me has de ter esquecido. Ás vezes me parece estar ainda ante ti nessa noite aziaga em que um malvado nos separou; parece-me estar ainda ouvindo tuas vozes suaves dictadas por esse amor servido que confessavas ter-me. Assim ainda creio.... Oh! se não fosse a minha persis-tencia em não attender ás fallas de Olavo, não me arrojaria no precipicio que se abriu ante mim.... Ah! talvez que algum dia me vingue de tudo o que me tens feito soffrer, homem cruel... rival sem alma e sem coração. (*Com furor.*) Ah!... que não mereces senão morte ignomi-

niosa sobrecarregada do anathema terrível de todo o mundo!... Se me visses, verias um feroz inimigo apertando o punhal da vingança com o qual te rasgasse esse peito onde só cabe a vileza de envolta com teus abomináveis crimes..... (Com voz sombria.) A traição e a inveja que talvez os demonios se horrorisem ao seu aspecto hediondo, como se apossão dos homens que vêm em sua frente 'um rival preferido!... E é o amor ás vezes a origem de grandes desgraças; é ás vezes a causa da morte de muitos! (Fica triste e pensativo. — Pouco tempo depois, abre-se a pequena porta do fundo e entra Gervasio que a fecha immediatamente.)

## SCENA II.

EDUARDO e GERVASIO.

EDUARDO.

Admira-me a vossa vinda agora aqui, meu bom Gervasio!

GERVASIO.

Não me esperavas agora, não ha duvida; mas como tive occasião de vir ver-vos...

EDUARDO.

Obrigado.... Como porém se vos offereceu esta occasião? — Desculpai-me a pergunta.

GERVASIO.

Esse Fernandez Guido, esse homem que aqui

vos encerrou, sahio de casa, talvez não venha tão cedo. Vim ver-vos, e tambem dizer-vos uma cousa que ha muito tempo vos queria dizer.

EDUARDO.

O que é? — Dizei.

GERVASIO.

Ha muitos dias que , sabendo eu do vosso estado, sabendo por que motivo e por que maneira fostes para aqui conduzido , intentei a vossa liberdade, que todavia me tem sido até então impossivel. Hoje porém offereceu-se-me occasião opportuna.

EDUARDO , *ancioso.*

Continuai.

GERVASIO.

Fernandez Guido ausentou-se hoje de casa , e talvez não venha muito cedo. O que tenciono fazer não durará muito tempo, e accrescento que hoje sereis salvo deste infame jugo.

EDUARDO.

Ah! podeis fiar-me isso, meu salvador?

GERVASIO.

Dai esse nome a Deos que ouviu minhas incessantes supplicas , nas quaes eu lhe rogava que vos salvasse, e que me dêsse uma occasião favoravel para libertar a um homem que , sem ser criminoso, sem ser de nada culpado, vê-se cercado das arruinadas paredes de um vil subterraneo prestes a se desmoronarem. Deos ouviu-me portanto e quer que sejais livre,

EDUARDO.

E será possível hoje a minha evasão?

GERVASIO.

Assim tencionei, e ficai descansado que hoje tudo se ha de arranjar, e depois....

EDUARDO, *ancioso.*

Depois....

GERVASIO.

Depois quando vos virdes em liberdade, tereis á vossa vista a felicidade que vos aguarda.

EDUARDO.

E Emilia?

GERVASIO.

Essa senhora, durante o tempo que aqui tendes estado, tem sempre passado triste e angustiada, mas com a esperança de vos tornar a ver.

EDUARDO, *com emoção.*

Oh! ella tanto me ama!... Mas... Fernandez Guido offendê-la-hia? (*com gesto de furor.*)

GERVASIO.

Assim tentou, mas encontrou na pessoa de Olavo um protector temivel. O miseravel nada pôde conseguir, porque forão recusadas com valor suas loucas propostas. Tudo succedeu ao contrario do que elle queria, e a resposta que ouviu não foi a que elle desejava ouvir.

EDUARDO.

Basta. — Não me falleis mais nesse homem que se fez meu inimigo, e que fez com que as palavras que profiro a seu respeito sejam de

\*

odio e vingança.... Esse inimigo atroz que me tem feito derramar lagrimas amargas não mandou ao menos pôr aqui uma porção de palha onde dê descanso a meu afadigado corpo!... Ah! anathema sobre elle!

GERVASIO.

Sim, foi máo e traidor para comvosco, mas...

EDUARDO, *atalhando-o.*

E deu-me por asylo esta sombria e humida prisão para mim apenas conhecida....

GERVASIO.

Tende paciencia.... Hoje tudo mudará como eu espero. Essa tristeza que tendes talvez mude em alegria, e o estado deploravel em que tendes aqui jazido talvez mude em um estado feliz. Não me demoro portanto mais tempo, e vou tratar do que é preciso para vossa e minha evasão. (*Querendo sahir.*)

EDUARDO, *detendo-o.*

Como! tambem para a vossa evasão?

GERVASIO.

Sim: tenho aqui estado como criado, mas espero em breve deixar de o ser. Encarreguei-me da vossa segura evasão, e com effeito, graças a Deos, descobri um certo caminho, pelo qual é que havemos sahir, porque elle é ainda inteiramente desconhecido por toda a gente desta casa. Fernandez Guido quando comprou este palacio, soube da existencia deste subterraneo, mas não da existencia de um outro muito importante....

Sabeis adivinhar quem serão as pessoas que muito me tem instado para facilitar a vossa fuga?

EDUARDO.

Emilia, certamente, depois della, ninguem mais póde ser senão Olavo.

GERVASIO.

Adivinhastes, pois assim foi. (*Sahindo.*) Sem mais demora vou tudo apromptar.

EDUARDO.

Ide... ide... e o Senhor vos recompense de tudo.

### SCENA III.

EDUARDO, só depois de breve pausa.

Serei hoje por ventura livre do meu inimigo?... É certo o que acabei de ouvir, ou é um sonho que me illude?... Não... tudo ouvi, e é a feliz realidade. Esse bom homem, por pedido de dous entes a quem mais prézo neste mundo, quer pôr-me em liberdade.... Por mim vai talvez dar principio a alguma empreza difficiliosa, para depois com facilidade livrar-me da oppressão do meu inimigo....

(*Pouco antes de Eduardo pronunciar estas ultimas palavras, abre-se o postigo da porta da direita. — Geroncio debruça-se para fóra sem que Eduardo o veja, assim como os mais actores que se seguirem. Escuta tudo com attenção.*)

## SCENA IV.

EDUARDO e GERONCIO, *debruçado no postigo.*

GERONCIO, *á parte.*

Devéras! tem essa esperança?

EDUARDO.

Ver-me certamente daqui a poucas horas, daqui a poucos instantes talvez, fóra desta masmorra horrivel, ser restituído á liberdade e á felicidade!... Ver ainda Emilia, ver esse irmão dedicado, a Olavo!...

GERONCIO, *á parte.*

E então! o sugueitinho está a dizer cousas sem pés nem cabeça.... Está ainda preso, e falla na liberdade... (*Rindo*) Ah! ah! ah! Estará variando? Coitado!

EDUARDO.

Tenho esperança de gozar a ventura que me aguarda, e esta esperança ponho-a sob as vistas do Ente Supremo, para que faça com que se me abirão sem difficuldade as portas desta hedionda morada.... Esse homem generoso foi uma missão do Céu que se offereceu a Emilia e a Olavo para libertar-me. Deos o recompensará de tudo.

GERONCIO, *á parte.*

Não ha duvida, está variando... Que homem será esse que elle chama de generoso e que o ha de libertar?...

EDUARDO.

Quão longo me parece já o correr deste tempo!.. É preciso porém resignar-me a esperar.

(*Ouvm-se algumas pancadas surdas debaixo do chão. — Geroncio sobresaltado presta attenção. — Eduardo ergue-se de subito do lugar onde tem estado sentado.*)

EDUARDO.

Meu Deos! que rumor será este?... Retinio debaixo de meus pés!...

(*Novas pancadas.*)

GERONCIO, á parte.

Que será isto?

EDUARDO.

Por ventura haverá mais algum subterraneo abaixo deste? Haverá algum infeliz que tenha jazido em maior profundidade do que eu?... Talvez seja illusão. (*Repetem as pancadas, Eduardo examina todo o pavimento.*) Onde será isto? Julgo que foi aqui que as senti. — (*Ouve-se clamar debaixo uma voz.*)

A VOZ.

Eduardo, estás só?

EDUARDO, com sorpresa.

Falla-me!... Conhece-me!...

GERONCIO, á parte.

Eu tambem aqui estou para ver tudo.... Mas isto é que me faz pasmar!

A VOZ.

Estás só, Eduardo? não me ouves?

EDUARDO.

Oh! vou responder a quem quer que seja.  
(*Inclinando-se para o chão*) Estou só. Quereis  
fallar-me?

A VOZ.

Sim: quero fallar-te, e já.

EDUARDO.

Falla sem reccio. (*Baixo*) Que mysterio!

(*De repente levanta-se uma lage diante de Eduar-*  
*do que recua sobresaltado. — Aparece Olavo e*  
*Emilia seguidos de quatro homens armados de diffe-*  
*rente maneira. — Geroncio espantado recolhe-se,*  
*mas pouco depois torna a apparecer.*)

## SCENA V.

OS DITOS, EMILIA, OLAVO E OS HOMENS.

EDUARDO.

Deos! que vejo! Emilia aqui!

EMILIA, *cahindo-lhe nos braços mui alegre.*  
Venho salvar-te, Eduardo.

OLAVO, e os homens ao mesmo tempo.  
Viemos libertar-vos....

EDUARDO, *no extremo da alegria.*

Vindes libertar-me!... Oh! que feliz momento  
este!... (*Olhando para Emilia com muito amor,*)

Emilia! vens sem temor libertar-me?... Livrar-me deste jugo infame que me ha curvado a fronte ha um mez?... Oh! quanto póde o amor! Como elle vos guiou aqui por um caminho mysterioso, subterraneo! Oh! como vos sou grato! *(Com ternura)* O meu amor será bastante para vos recompensar?... Como hoje estais formosa!

EMILIA, *enternecida.*

Eduardo!

OLAVO.

A tua evasão se effectuará sem nenhuma difficuldade.

GERONCIO, *á parte.*

Talvez te enganes... Veremos...

OLAVO.

Por este mesmo corredor secreto por onde viemos, havemos sahir... Esperemos porém que Gervasio chegue para então sahirmos daqui. Foi elle que nos mostrou este caminho que ha poucos dias descobrio, e que julga mesmo elle ser ainda desconhecido pelos moradores da casa.

GERONCIO, *á parte.*

E c'os diabos é verdade... Mas foi Gervasio que descobrio este corredor! Vou dizer tudo por tudo a meu amo. *(Retira-se fechando o postigo.)*

OLAVO.

Temos esperanza de tudo se effectuar sem estorvo. Se houver porém algum caso sinistro,

saberemos defender-nos; mas permitta Deos que nada aconteça!

EDUARDO.

Olavo, a ti tudo devo. — A vida, a felicidade, a liberdade a ti devo, e a minha gratidão me acompanhará até o sepulchro. (*Para os homens*) E a vós, meus bons amigos, ser-vos-hei grato da mesma maneira, pois vindes auxiliar a evasão de um homem que vos é inteiramente desconhecido. O dia de hoje jámais me ha de esquecer. (*Fallando com todos*) Ha um mez que gemo debaixo destas negras abobadas; ha um mez que vivo lutando com a desesperação, com o odio e com a vingança!... (*Para Emilia*) Ha um mez tambem que vivo a sós com um pensamento que jámais me abandonou — Amor!... Amor, era o meu anjo tutelar. Quando eu chegava ás vezes ao auge da desesperação, parecia-me ver tua imagem, bella Emilia, que me frustrou muitas vezes os meus loucos intentos de suicidio.... (*Com amoroso transporte*) Oh! Emilia... nunca te amei tanto!... Hoje, amar-te é pouco... adoro-te!...

EMILIA.

Desde essa noite fatal, nunca mais tive um momento de verdadeiro descanso... Ficando eu com a segura protecção de Olavo, senti comtudo pesar sobre mim o olhar terrivel desse homem que aqui te encerrou, e... não sei na verdade o que tive... tive medo, mas animando-me, rejeitei todas as suas offeras e promessas.

EDUARDO.

Ah! Fernandez Guido! ver-me-has ante ti livre do teu vil jugo... Renuncio porém da minha vingança; não attentarei contra tua vida.

OLAVO.

É um pensamento generoso, Eduardo, esse que te occorre!

EDUARDO.

Só o deixo ao esquecimento e ao desprezo. Vivendo elle, para o futuro sentirá uma mão implacavel golpear-lhe de continuo o coração — o remorso. — Sua frente, hoje tão altiva e tão impia, se curvará ao peso enorme de seus crimes!... Deos o castigará como elle merece!

UM DOS HOMENS.

Senti algum rumor por este lado. (*Indicando a porta do fundo.*)

OLAVO.

É certamente Gervasio que vem. Já se demorava.

## SCENA VI.

## OS MESMOS E GERVASIO.

GERVASIO.

Saiamos immediatamente daqui para que não se nos opponha algum obstaculo. Fernandez Guido chega neste momento. (*Pega na lanterna que está sobre a mesa. — Ouve-se rumor fóra.*) Que rumor porém é este?... Fugamos... fugamos....

TODOS.

Fujamos.

EMILIA, *assustada.*

Vamos, Eduardo.

EDUARDO.

Sim, vamos, e deixemos para sempre esta negra morada do crime.

*(Descem todos seguindo a Gervasio, que os precede com a lanterna. — Os quatro homens sahem por ultimo fechando o alçapão sobre si. — O rumor de alguns passos descendo uma escada é ouvido pelo lado direito. — Poucos instantes depois entrão alguns homens e Geroncio seguindo a Fernandez Guido, que vem em desespero e examina toda a scena.)*

## SCENA VII.

FERNANDEZ GUIDO, GERONCIO E ALGUNS HOMENS.

FERNANDEZ GUIDO, *desesperado.*

Evadio-se... livrou-se do meu poder... Ah! *(Para Geroncio)* E tu, miseravel, esgotaste todo o tempo só em estares observando o que fazião e o que dizião!... *(Dando um passo para elle)* Onde... onde é a entrada desse caminho subterraneo?

GERONCIO, *mostrando-a.*

Ei-la, senhor.

FERNANDEZ GUIDO.

Descei e trazei-m'ò morto ou vivo. Descei!

*(Geroncio ajudado de alguns homens levanta a pedra, e desce precedendo aos outros.)*

FERNANDEZ GUIDO, *chegando-se á bocca do alçapão.*

Um corredor subterraneo!... Ignorando eu mesmo até então a sua existencia!... E Gervasio foi quem o descobrio!... Se eu soubesse onde elle vai sahir, nesse lugar é que eu estaria, e não aqui... Oh! se elle está já salvo, tudo será em vão.... E um criado meu, um criado infiel, foi quem prolegeu esta fuga!

*Ouve-se embaixo este grito repetido por algumas vozes: Traição!*

FERNANDEZ GUIDO.

Ainda se encontrarão... Não me escapará por certo. Vim ainda a tempo de tudo obstar.... Geroncio cumprio o seu dever.... Oh! quão breve foi a empreza! (*Examinando para baixo.*) Ei-los que voltão.

*(Geroncio, ferido no hombro esquerdo, precede aos homens que sobem, como elle, transidos de espanto).*

FERNANDEZ GUIDO.

Geroncio.... estais ferido!... Chegámos tarde?

GERONCIO.

É verdade, senhor, chegámos tarde; já não o encontrámos. Dous homens porém, desses que o vierão buscar, encontrámos ainda, e de um delles recebi esta cutilada. Ainda que quizessemos empenhar uma luta, era impossivel e inutil,

porque a presa já estava salva, e porque tambem não pelearíamos com desembaraço, porque o corredor é tão estreito, que mal cabem duas pessoas a par. Resolvêmo-nos a voltar, porque nada se podia nem se pôde já fazer...

FERNANDEZ GUIDO, *com concentrado furor.*

E effectuou a sua fuga... (*Para Geroncio.*)  
Retira-te, Geroncio, vai tratar essa ferida. (*Para os homens*) Segui-o.

### SCENA VIII.

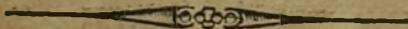
FERNANDEZ GUIDO, *só.*

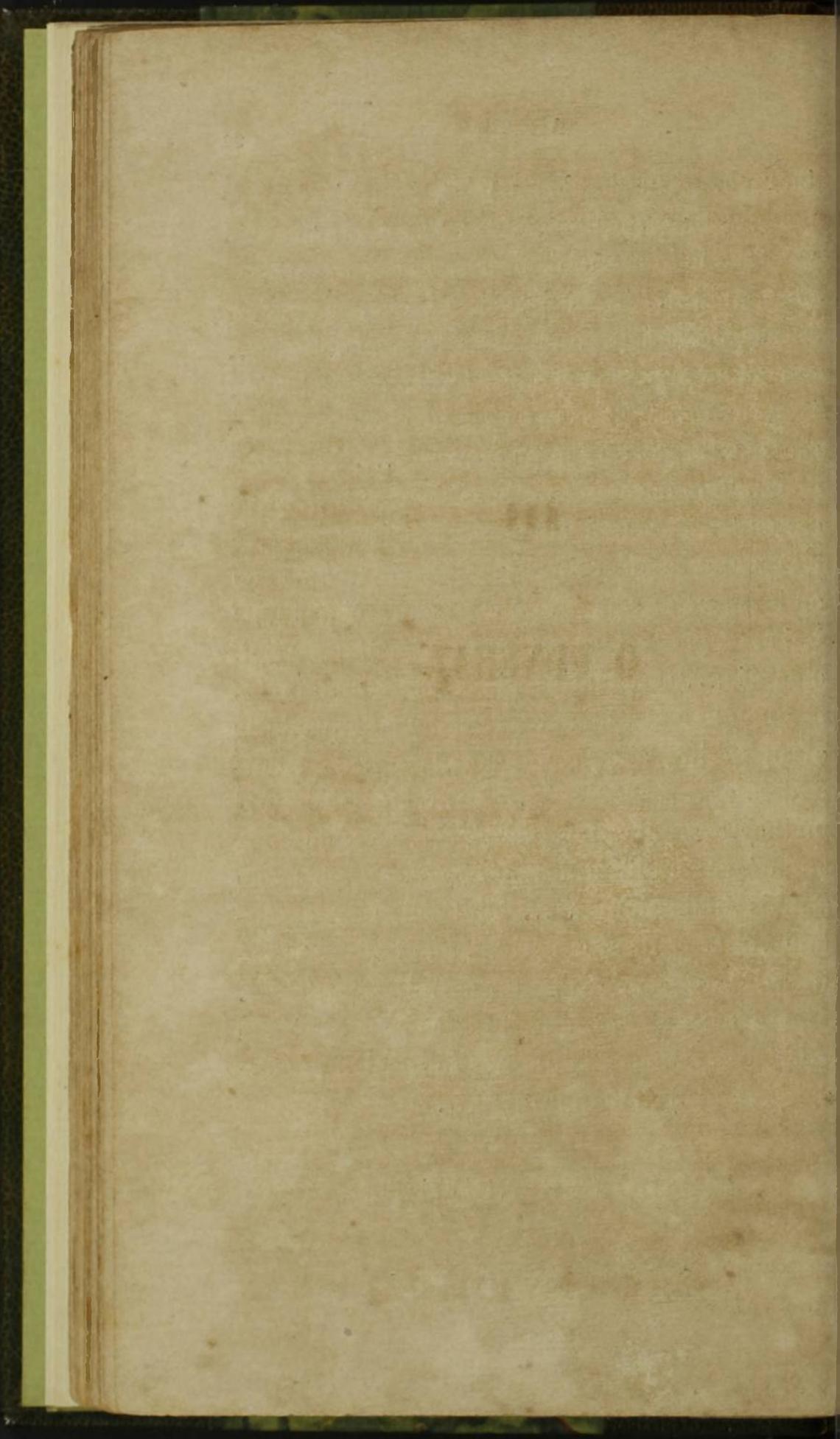
(*Estando algum tempo em silencio, durante o qual parece soffrer uma luta interior de odio e desespero.*)

Ainda não estais livre de minhas perseguições, misero Eduardo!... Evadiste-te desta masmorra lugubre, horrenda, mas não te livraste do meu odio e da minha certa vingança!... Has de rir agora de mim, mas esse riso será para sempre abafado apenas te eu appareça!... (*Pegando, com um movimento de raiva, no punho da espada.*)  
Ah!... havemos-nos encontrar, e um de nós ha de por força succumbir... (*Pausa — reflectindo.*)  
Oh! uma lembrança feliz agora me occorre... Antes segui-la do que haver derramamento de sangue... Sim!... quero segui-la. Se ella se effec-

tuar como eu desejo, não será preciso puxar pelo ferro; e se ella não fôr feliz, então não haverá remedio senão decidir-se tudo com o ferro em punho... Emilia jámais ha de pertencer a Eduardo. Não! que o não posso tolerar!... E ella... ella veio em pessoa arranca-lo do meu poder!... Que importa? Elles não gozarão seu amor, porque não lhes darei tempo para isso.... Por meio de um bom narcotico, ella adormecerá profundamente. Parecerá até mesmo estar morta, e talvez que a depositem em algum tumulo ou onde quer que seja. Eu me assegurarei de tudo; irei acompanha-la até o tumulo, occultar-me-hei, e depois...: arranca-la-hei desse mesmo tumulo, e, quando o narcotico tiver acabado de produzir o seu effeito, ella recobrará todas as suas faculdades, e eu serei feliz!... Sim, este projecto é o melhor a seguir, porque depois, vivendo elle, andará em continua desesperação, e eu gozando a mais bella ventura!... Oh! sêde bem executado, meu projecto querido, que tudo se effectuará. Vou sem demora fazer o que pretendo. *(Com ironico e feroz sorriso)* Pobre Eduardo! não presentes o martyrio que vás soffrer!... *(Sahindo apressado.)* O tempo urge....

FIM DO SEGUNDO ACTO.





**III**

**O FUNERAL**

PERSONAGENS.

EDUARDO.

FERNANDEZ GUIDO.

OLAVO.

GERVASIO.

GERONCIO.

ELIAS.

ADRIÃO.

O CAPELLÃO.

Acompanhamento funebre.

# O SOLITARIO

## ACTO TERCEIRO.

### O Funeral.

Sala sumptuosa em casa de Fernandez Guido. — Duas portas lateraes e tres grandes ao fundo com reposteiro de velludo carmesim. — Correndo-se os reposteiros das portas do fundo, vê-se uma galeria encoberta por uma grande cortina, a qual, depois de corrida, deixa ver á vontade a estrada. — De cada lado da scena, uma mesa. — Em uma dellas ha todos os preparos necessarios para escrever.

### SCENA I.

#### GERONCIO E ELIAS.

*(Ao levantar do panno, Geroncio está sentado a uma das mesas com o hombro esquerdo embrulhado em pannos ainda algum tanto ensanguentados. Têz pallida, e a cabeça reclinada na mão direita. — Elias occupa-se em acabar o arranjo da sala, isto é, collocando as serpentinas nos seus lugares proprios, e tomando sòmente os reposteiros das portas lateraes com seus cordões de seda, etc. — De vez em quando pára para fallar com Geroncio ou ouvi-lo.)*

ELIAS.

E a demora de meu amo desde hontem, Sr. Geroncio?...

GERONCIO.

Que tens tu com isso? — Está arranjando certo negocio que eu e elle somos os unicos que sabemos.

ELIAS.

Logo vi que elle não pernoitava fóra de casa sem ter de que.... É verdade que a fugida do Sr. Eduardo o desesperou, e que fugida bem feita!.... Sabe como o demo do Gervasio descobriu o tal corredor secreto por onde se safarão?

GERONCIO.

Não sei ainda. Para mim essa descoberta é ainda um mysterio; mas o caso é que elle o descobriu, e internarão-se nesse corredor oito pessoas!

ELIAS.

E até a moça, a noiva do tal Sr. Eduardo.

GERONCIO.

Ora! que queres?! O amor tudo pôde, tudo faz; nada lhe é impossivel. Emfim, todos sahirão por esse escuro caminho que é algum tanto longo, pois vai, por uma extensão de mais de cento e vinte pés, sahir ao fundo do jardim um tanto arredado da entrada.

ELIAS.

E sua mercê a primeira vez que lá entrou, foi mimoseado com essa ferida que de certo não lhe ha de agradar, e que talvez ainda o incomode.

GERONCIO.

Não é tanto assim como pensas. A ferida é no hombro esquerdo como vês, mas não me veda de mover o braço — pouco sim, mas sempre o movo. No braço direito ainda tenho vigor. O sangue que derramei tornou-me algum tanto pallido, mas mesmo assim não sinto a falta, estou ainda forte.

ELIAS.

Com effeito! sua mercê é levado da bréca! Tem um genio muito semelhante ao do Sr. D. Fernandez Guido (*com respeito hypocrita*), nosso excellente amo!... Sempre são Castelhanos, e só isto basta... Mas vamos ao nosso caso — O que será feito do Sr. Eduardo e do Gervasio, que disse adeos a esta casa sem duvida por uma vez?...

GERONCIO.

Andão muito satisfeitos certamente; mas... pouco lhes ha de durar essa satisfação.

ELIAS.

De veras!... Então porque a satisfação dessa pobre gente... sim, desses desgraçados, não ha de durar muito?

GERONCIO.

E que te importa saber isso! — Não é cousa que te interessa!

ELIAS.

Mas o Sr. Eduardo, coitado! apenas se vio livre de nosso amo, e depois de matar as suas

saudades com a sua noiva, foi-se muito direitinho para a sua pequena quinta tratar sem duvida de seus negocios para depois vir se casar com a sua bella futura...

GERONCIO, *com ironia.*

Veremos se tal ha de acontecer.

ELIAS.

E porque não !.. Olhe, meu caro Sr. Geroncio, quanto á distancia, não é lá muito grande. São só nove legoas, e se elle quizer, póde ir e vir em um dia. Hoje mesmo, se elle quizer, póde vir.

GERONCIO.

Póde ser.

ELIAS.

Sim, póde ser... E demais, sua mercê pensa que elle se ha de demorar muito, e deixar a pobre moça só, apenas com a companhia do velho Adrião, da Genoveva e de mais dous ou tres criados ?.. Pois não ! Não é elle capaz disso, eu affianço.

GERONCIO.

Que estais ahi a dizer, meu pobre Elias, e que casta de negocios terá elle que arranjar?

ELIAS.

Ora essa ! Foi ver se está tudo conforme deixou ha um mez. Julgo que foi um mez que elle esteve nesse frio subterraneo... Todo o dono de casa tem sempre que arranjar, e elle então que se ha de querer casar o mais breve possivel !.. Além de que, elle sempre tem dinheiro. O Sr. Eduardo

vive do que é seu, paga aos criados com o que é seu, nada deve a ninguem, e portanto, Sr. Geroncio, se elle não é rico, é remediado, e é o quanto basta. Quanto a mim, é rico, porque, quando um homem vive como elle vive, passando, quando está em liberdade, bem se sabe, ás mil maravilhas, sem ter dividas sobre si, é rico e bem rico. Outro tanto não acontece ás vezes a certos senhores altaneiros, retesados e soberbos que dizem com lingua de palmo batendo nos seus bolsos recheados de louras: «Sou rico: tenho ouro.» — E por fim de contas, devem mais do que tem... Eu cá, da maior parte desses, fujo como o diabo foge da cruz, porque elles tem dinheiro só para si. Se são de mão fechada, adeos minhas encommendas! então nem para si nem para os pobres. O seu unico gosto é de amontoar. Já o Sr. Eduardo não é assim. Querendo fazer bem, fã-lo da melhor maneira que póde.

GERONCIO.

Como fallas desse moço! Sabes isso por conhecê-lo, ou é porque alguem te tem fallado bem nelle?

ELIAS.

Conheço-o apenas de vista; mas tenho um tio chamado Ambrosio Miguel, que servio ao defunto pai do Sr. Eduardo, que me fallou algumas vezes muito bem d'elle. — Pobre tio Ambrosio! Já deve estar acabadinho!... Deve

estar velhinho o meu pobre tio Ambrosio Miguel ; mas no seu bom tempo de rapaz... era um trabalhador de mão cheia ! como elle mesmo diz e minha mãe.

GERONCIO.

Estará por ventura muito mais velho do que quando o viste a ultima vez ? (*Rindo.*)

ELIAS.

Pois já não ha quasi seis mezes que aqui estou ? Durante este tempo, por força que ha de ter envelhecido mais, pois já lhe pesão emcima os seus setenta annos. Amanhã, cada um de nós conta mais um dia sobre o espinhaço, e de dia para dia se vai passando da mocidade para a velhice... Que diz, Sr. Geroncio, heim ?

GERONCIO.

O peor é que se começa a dar muito á lingua, ninguem te faz calar. Irra !

ELIAS.

Mas escute, meu caro Sr. Geroncio. Attenda bem ao que lhe vou dizer. Voulhe dizer o que sua mercê ainda não sabe... É a respeito da feliz descoberta do caminho subterraneo pelo grande Gervasio... O caso foi assim :—O Gervasio, por acaso, estava a cavar lá no fundo do jardim para dispôr algumas plantas de cyprestes, quando de repente dá uma forte pancada em um corpo duro. Era uma lage. Continúa a cavar para descobri-la toda, e vê, segura nella, uma grossa argola de ferro já um tanto enferrujada. — « Bom ! disse elle, que-

rem ver que é alguma cousa que está aqui escondida?» — E mettendo o cabo da sua enxada na argola, como quem se serve de uma alavanca, faz um forte esforço, e a pedra, apesar de não ser muito leve, levanta-se quasi como por si, e sem mais cerimonia, mostra os degráos dene-gridos de uma escada subterranea. Por fim, o Gervasio, que é valente e animoso como um leão, metteu-se sózinho pela escada abaixo.... Cousa de um quarto de hora depois, ci-lo de novo á bocca do tal buraco, e o caso é que estava muito satisfeito da sua descoberta, dizendo: «Elle está livre emfim por um meio mais seguro!» — E fechou logo o subterraneo com a pedra, tornou a deitar a terra emcima, e dispôz as plantas para nada se desconfiar. Como ficava sabendo o lugar, era o que queria.... E então, Sr. Geroncio, que diz a isto?

GERONCIO.

Como sabes isso tão a fundo?

ELIAS.

Não está má essa!... Se eu estava vendo tudo, occulto atrás de um pillar!

GERONCIO.

Viste?!... (*Erguendo-se com impeto.*) Viste o nada disseste a nosso amo, maroto! Sabias de tudo, e tudo occultaste!.. Porque nos não preveniste a tempo?

ELIAS.

Que é isso, homem?... Socegue,... — Eu se

tudo vi, é porque estava ali por acaso. Se nada disse do que vi, foi porque.... me esqueceu... me esqueceu.

GERONCIO.

Não és porém esquecido para certas cousas... Elias, dize antes que foste comprado, que te dêrão dinheiro para te calares.

ELIAS.

Eis ali como sua mercê se engana!... Olhe bem para mim. Sua mercê vê em mim alguma cousa que se pareça assim com velhacos? Não... Se eu fiz mal em não dizer isto a ninguem, é porque não estava de veia. Deu-me na cabeça calar-me, e nem me lembrei mais disso.... ha de crêr?

GERONCIO.

Custa-me a crêr... Tu que és tão curioso!

ELIAS.

Sim, senhor, sim, mas então não sei mesmo como diabo deixei de ser curioso. Se eu quizesse, desceria essa escada denegrída para examinar tudo a meu gosto; mas, a fallar a verdade, tive medo, porque vi tudo tão escuro.... tão escuro.... Não tenho o animo de Gervasio.... Apre!

GERONCIO.

Desazado!... Devias ter dito isso immediatamente a meu amo, ou a mim, para se obstar a tudo, e então não aconteceria o que aconteceu... Estulto!

ELIAS, *desculpando-se.*

Não fique assomado, Sr. Geroncio... Foi falta de reflexão, mas agora que se ha de fazer?... Perdôc.

GERONCIO.

Ah! o que merecias... Basta porém de me maçares mais com a tua tagarelice... Demais, escuta... ahí vem meu amo: é elle que entra.

ELIAS, *á parte.*

Oh! oh! muito ha de ter elle que fallar!... Escutemos, pois sou um tanto curioso, e gostarei de saber a causa da sua demora.

## SCENA II.

### OS DITOS — FERNANDEZ GUIDO.

FERNANDEZ GUIDO, *para Elias.*

Retira-te... Geroncio que fique.

ELIAS, *retirando-se, á parte.*

É segredo... não posso ouvir... Vai fazer suas confidencias com o seu queridinho Geroncio... Más quartãas o levem!

## SCENA III.

### FERNANDEZ GUIDO E GERONCIO.

FERNANDEZ GUIDO.

Estou quasi satisfeito, Geroncio; a minha empreza acha-se em parte concluida. Entrei occul-

tamente de noite em casa della. A principio esmoreci, porque, chegando já com noite fechada, não encontrei porta alguma aberta; mas, dando uma volta á roda da casa, vi no primeiro andar uma janella, através de cuja vidraça via-se o clarão de algumas luzes: era a do quarto della. Esperei, occulto entre o arvoredo do jardim, a hora mais tranquilla, e, quando não senti rumor algum, tentei, cheio de esperança, penetrar nesse quarto... Uma escada que eu havia encontrado em uma das aléas do jardim facilitou-me a subida, e em poucos momentos achei-me ante o seu leito, onde repousava docemente.... Oh! como me pareceu bella então! como em seu semblante formoso se divisavão todos os dons da virtude!... E seus labios entreabertos pelo sorriso da ventura como se movião de vez em quando, como quem estava em um sonho todo de delicias!... Ah! lembrei-me logo daquelle que ella tão ardentemente ama, e então, sem perda de tempo, puz em acção o meu intento. Lancei previdentemente algumas gottas de um excellente narcotico em um copo, e depois arrisquei-me a lançar outras em sua propria bocca... Fez um leve movimento, mas não acordou. Certo do effeito que produziria, retirei-me immediatamente, e tirando a escada, occultei-me o resto da noite no jardim, esperando sempre, até que ouvisse o menor movimento na casa... Ao alvorecer senti algum ruido, ouvi depois gritos, lagrimas: a noticia da sup-

posta e repentina morte de Emilia havia-se espalhado por toda a casa.

GERONCIO.

Oh! como meu amo foi feliz! Que luminosa ideia!... Agora o resto é muito mais facil de praticar.

FERNANDEZ GUIDO.

Certamente, tenho esperança de ser duplamente feliz. Tudo ha de ter bom exito, e Emilia me ha de pertencer. O prestito ha de necessariamente passar por aqui, e apenas o presintamos, correremos á igreja para chegarmos primeiro que todos. Ahi nos occultaremos, havemos reparar em que tumulo a depoem, e, ao anoitecer, quando tudo estiver em silencio, arranca-lheemos do tumulo e fugiremos de Portugal.

GERONCIO.

E o meio de conducção qual deve ser?

FERNANDEZ GUIDO.

Mandarás apromptar uma das minhas melhores berlindas de viagem, e nella é que havemos partir. Tu és que a has de guiar.

GERONCIO.

Bem, meu amo, está dito. Executarei tudo pontualmente.

FERNANDEZ GUIDO.

Sê fiel, Geroncio. És o meu unico confidente. Sabes grande parte de meus segredos, assim como tambem sei os teus.

GERONCIO.

Sou um servo dedicado, e capaz, se meu amo o ordenasse, de queimar os pés e as mãos.

FERNANDEZ GUIDO.

Has de tambem mandar ajuntar todo o ouro que aqui possuo,...

GERONCIO, *atalhando-o.*

Para safarmos-nos com tudo... Bem entendo.

FERNANDEZ GUIDO.

Levarei entretanto um de meus discretos e fieis criados para nos servir de companhia, e apenas chegue ao meu destino, recompensa-lo-hei liberalmente de seus serviços. Despede porém a todos os outros. Desempenha tudo com cuidado, Geroncio, e com presteza. Vai e sê diligente.

GERONCIO, *sahindo.*

Obedeço-vos, meu amo, e ficareis satisfeito do que eu fizer.

#### SCENA IV.

FERNANDEZ GUIDO, *só, sentando-se.*

Tudo corre á medida dos meus ardentes desejos, e tudo terminará conforme a minha vontade. Eduardo tudo ignora ainda, porque está um tanto retirado deste lugar, e ninguem teve tempo de correr a dar-lhe aviso da supposta morte da sua fiel amante. Talvez que hoje ainda não venha. (*Pausa.*) Vou commetter um sacri-

legio, porque vou transpôr os muros de uma igreja para, com mão profana, interromper o socego e silencio dos tumulos... Mas que importa?... Não vou por este meio arrancar um ser ainda vivo do seio de uma morte medonha? Certamente, porque, apenas ella cobrasse o uso de suas faculdades, apenas despertasse seu pesado somno, pereceria sem duvida de pavor achando-se encerrada no negro vão de um tumulo, e vendo-se ainda viva no seio da morte!... Demais, não vou, apossando-me de Emilia, suavisar, no enlêvo do amor, esta chamma ardente que me abrasa?... Oh! não me arrependo, nunca me arrependerei do que hei feito, nem do que hei de fazer... (*Longa pausa.*) Nunca o amor me foi tão intenso como então... Emilia, com a sua formosura, com seu ar candido e seu sorrir de anjo, tresvariou-me o sentido, e ateou com todo o ardor esta chamma pura que tem grassado em meu peito que fôra sempre tão insensivel, e neste coração que por ella palpita, que sempre fôra duro como o bronze!... Qual não será o desespero de Eduardo quando lhe noticiarem tal acontecimento! Tudo já antevejo. (*Com riso feroz.*) Misero!... eu te lastimo! Vou entretanto traçar algumas linhas com meu proprio punho participando-te o rapto da tua amante e da maneira por que elle ha de ser feito; e de longe escarnearei de teus furores. (*Escreve por algum tempo silenciosamente e com ar de escarneo; por fim dobra*

*o papel e o mette no seio.*) Desventurado mancebo ! será isto uma lembrança que te hei de deixar... Já te temi ; agora já te não temo !... De nada te servirão os amigos , porque não has de ter tempo de obstar a cousa alguma... (*Pausa.*)

Ordenei a Geroncio que despedisse a todos os criados excepto um, porque esta mesma noite vou deixar este paiz talvez para nunca mais voltar a elle. Deixo-o, para ir viver uma vida toda de ventura na terra de meus ascendentes, onde vou encontrar a maior parte de minhas riquezas para desfruta-las tranquillamente. Este repouso que almejo, de certo o hei de gozar, e poderei então, a par de Emilia, blasonar da minha feliz dita.

## SCENA V.

### FERNANDEZ GUIDO E GERONCIO.

FERNANDEZ GUIDO.

Determinaste tudo como te disse, Geroncio?

GERONCIO.

Tudo se está arranjando, meu amo. Em breve estará concluido. Venho porém dizer a meu amo que o Sr. Eduardo para aqui se encaminha.

FERNANDEZ GUIDO, *erguendo-se impetuoso.*  
Inferno !... Avisa-lo-hião a tempo?

GERONCIO.

Não sei, meu amo.

FERNANDEZ GUIDO.

Ah! será elle capaz de frustrar o meu intento ?  
 Não!... não o será... (A Geroncio) Saíamos já  
 daqui. Segue-me.

GERONCIO.

Obedeço-vos.

FERNANDEZ GUIDO, *dirigindo-se ao fundo.*

O miseravel talvez me vem affrontar... (Corre  
 arrebatadamente o reposteiro da porta do meio, e  
 recua espavorido vendo diante de si Eduardo que  
 vem entrando lentamente. Seu aspecto é sombrio:  
 sua voz, ás vezes é calma e ás vezes ameaçadora. —  
 Olavo e Gervasio espreitão de vez em quando por  
 detrás de outro reposteiro. — Geroncio retira-se  
 para um lado transido de espanto.)

## SCENA VI.

OS DITOS E EDUARDO. — OLAVO E  
 GERVASIO *espreitando.*

EDUARDO.

Assim devia ser.

FERNANDEZ GUIDO.

Ah!

EDUARDO.

Vês ante ti aquelle que atraíçoaste.

FERNANDEZ GUIDO, *com voz suffocada de raiva.*

Que vens aqui buscar?... A morte?... Eu t'a  
 dou, ou tu m'a darás.

EDUARDO.

Não julgues isso tão facil, homem soberbo e cruel; não julgues dar-me assim a morte... Ah! Fernandez Guido... talvez nunca pensasses que eu me visse livre; talvez nunca pensasses que eu sahisse desse subterraneo horrivel, cavado sem duvida por mãos tão maleficas com as tuas... e talvez nunca julgaste ver-me ante ti como me vêes agora.... Abandonei a negra prisão onde eu gemia opprimido pela amargura que martyrisava incessantemente minha alma, e pelo peso do teu abominavel poder... Livrei-me sem difficuldade dessa doentia masmorra... Sacudi o teu infame jugo... (*Com ironia.*) Como era propicia a occasião, Fernandez Guido!

FERNANDEZ GUIDO.

Que queres dizer?... Será um desafio que me diriges?... Se é, aceito-o. Não penses que eu tema ver encostada em meu peito a ponta da tua espada. Um de nós se ha de vingar do outro.

EDUARDO.

De nada vale o teu fallar... Demais, não quero cruzar a espada com homens que só buscão a traição para derribar o inimigo... Lembras-te dessa noite em que foste acompanhado de teus vis satéllites para surprender-me?... Ah! eu te desprezo e odeio, porque só desprezo e odio mereces!... Não sou cruel como tu, porque, se o fosse, desejaria que esta casa onde ostentas tua opulencia se transformasse em um horroroso templo,

cujo idolo fosse a vingança , á qual eu offereceria uma victima... Serias essa victima, Fernandez Guido, e eu o cruento e desapiadado sacrificador. Inundaria suas aras com todo o teu sangue, e com feroz alegria, despedaçar-te-hia o coração, no qual a inveja e o assassinio hão tantas vezes cravado seus agudos e venenosos dentes. . . . Quem sabe?

FERNANDEZ GUIDO.

Embora assim seja, nunca o remorso me atormentou, nem me doerá a consciencia, de perpetrar, para bem meu, algum novo crime, se a isso fôr arrastado. (*Com concentrada ferocidade.*)

EDUARDO.

Não duvido... O assassino, emquanto ensopa suas mãos no sangue innocente, não medita no que pratica, porque é mister de ha muito usado; e assim crava o mortifero ferro no peito de sua innocente victima, sem reparar que ella, com um grito dilacerante, e com um olhar quasi extincto, lhe expobra o crime que elle tão cruel e deshumano acaba de commetter... Assim és tu, Fernandez Guido. — Quantos crimes pesão já sobre tua cabeça?

FERNANDEZ GUIDO, *com terror.*

Ah!.. (*Com impeto.*) E quem te deu tal ousadia, mancebo, para me arguires desse modo?

EDUARDO.

O odio e desprezo que a tua presença me inspira.

FERNANDEZ GUIDO, *com a mão no punho da espada.*

Oh! é muito!

EDUARDO, *impassivel.*

Modera os teus transportes, e deixa descansar um pouco a tua espada, já tantas vezes ensanguentada. Se teus sentimentos são e hão de ser sempre malevolos, pensa no remorso que cedo ou tarde te ha de atormentar. Então verás sempre ante ti as tuas victimas, sombras implacaveis da tua expiação eterna, e bradarão: « Vingança! » — Verás tuas mãos gottejarem sangue, e quando quizeres retira-las cheio de horror de ti mesmo, parecer-te-ha apunhalares uma dessas mesmas victimas, que apparecerá sob a fôrma de um temeroso e horrído fantasma, mostrando-te no horror de sua chaga o horror de teu crime, e clamará: « Assassino! assassino! » — Se eu persistisse no meu projecto de vingança, de certo que agora me vingaria, Fernandez Guido; mas renunciei para sempre della porque és cobarde. Renunciei della perante Deos e a mesma Emilia, ouviste?!.. Eis o motivo por que não puxo pelo ferro para em duello matar-te, ou mesmo para te matar como a um cão.

FERNANDEZ GUIDO, *puxando furioso a espada e enviando-se a Eduardo.*

Insultas-me!.. Pois morre ás minhas mãos, desgraçado!

(*Eduardo, recuando dous passos tem tempo de*

*desembainhar a sua espada e de cruza-la com a de Fernandez Guido com furia — Olavo precipitando-se rapido em scena, agarra fortemente no braço de Fernandez Guido obrigando-o a abaixar a arma. Gervasio apresenta-se na scena. — Geroncio lança-lhe um olhar de odio.)*

OLAVO.

Suspende!

FERNANDEZ GUIDO, *recuando.*

Maldição!

OLAVO.

Tambem vim. Estava ali para frustrar teus vis intentos.

EDUARDO.

Miseravel!.. não mereces senão o desprezo e o odio do mundo inteiro... Eis que as tuas furias baquearão... A vil traição é sempre tua inseparavel companheira.... Sempre e para sempre... *(Rindo convulsa e ironicamente.)*

GERVASIO, *aproximando-se.*

Conheces-me, Fernandez Guido?

FERNANDEZ GUIDO.

Gervasio! Aqui!... aqui, servo infiel!

GERVASIO.

Fui eu quem franqueei a sahida secreta dessa prisão a um homem que tinhas prisioneiro innocentemente.

*(Neste momento ouve-se uma musica funebre e longinqua que se aproxima pouco a pouco. — Eduardo e seus companheiros escutam-a por pouco tempo em*

*silencio. — Fernandez Guido e Geroncio trocãõ um olhar expressivo e de desespero. — O som lugubre de um sino faz-se ouvir a alguma distancia.)*

FERNANDEZ GUIDO, á parte.

Ah! o prestito aproxima-se. Está tudo perdido... Oh desesperação!

EDUARDO, a seus companheiros.

Que quer isto dizer?

OLAVO.

Estes sons funebres!...

EDUARDO.

Vejamos o que é. (*Para Fernandez Guido, com ironia.*) Será o cadaver de alguma nova victima tua que passa por diante do teu palacio?

*(Encaminha-se para o fundo seguido de Olavo. — Gervasio corre todos os reposteiros, e tambem a grande cortina anteposta á galeria do fundo. — Enquanto isto se faz, Geroncio aproxima-se rapido a Fernandez Guido a um signal que este lhe faz, e fallão ambos transidos de espanto.)*

FERNANDEZ GUIDO.

Ou havemos fugir para não serem mallogradas as nossas esperanças, ou...

GERONCIO, atalhando-o.

Que! meu amo não se animará a ir á igreja?

FERNANDEZ GUIDO.

Havemos de ir forçosamente. Aconteça o que acontecer... Vamos... Saíamos sem que elles nos vejão, senão estamos perdidos. O prestito está

perto.:. Por aqui... (*Sahem precipitadamente por uma das portas lateraes, sem que Eduardo e seus companheiros os veção.*)

## SCENA VII.

OS MESMOS, MENOS FERNANDEZ GUIDO  
E GERONCIO.

EDUARDO, *olhando para fóra.*

Que prestito será este?

GERVASIO.

Grande Deos! que vejo! Adrião...

EDUARDO.

Adrião!.. dizes tu, Gervasio!

GERVASIO.

Adrião vem no acompanhamento funebre...  
Vem vestido de luto... triste...

OLAVO.

O que aconteceria?

EDUARDO.

Meu Deos! que quererá isto dizer?

GERVASIO.

Olhai.. Adrião para nós se encaminha.. Ei-lo...

## SCENA VIII.

OS DITOS, E ADRIÃO *vestido de luto e em extremo triste.*

ADRIÃO *para Eduardo.*

Vós aqui, Senhor!.. Ah! perdoai-me. Estaveis ausente e de nada ainda sabeis...

EDUARDO, *com espanto.*

Que aconteceu, Adrião?

ADRIÃO.

Não houve sequer tempo nem modo de vos avisar tudo...

EDUARDO, *ancioso.*

Fallai...

ADRIÃO.

A vossa futura esposa... foi envenenada... é morta!

TODOS.

Morta!

*(Eduardo, como quem recebe um golpe violento, fica em completa aniquilação.)*

ADRIÃO.

E agora na sahida é que se descobrio por quem. Encontrou-se no quarto onde ella dormia um signal que attestava a presença de Fernandez Guido.

EDUARDO.

Ah!.. *(Em delirio.)* Morta! morta! assassi-

nada!.. Vingança!.. vingança!.. — Fernandez Guido... o assassino!.. vou procura-lo.

*(Quer sahir. — Adrião o detem e lhe mostra o acompanhamento funebre que passa neste momento vagarosamente pela estrada. — Atrás do esquife vai o Capellão seguido de outros sacerdotes com tochas accesas.— Varias pessoas vestidas de luto caminão, umas adiante e outras atrás do esquife. — De vez em quando ouve-se o dobre do sino. — Espanto e consternação de Olavo e Gervasio.)*

ADRIÃO.

Vêde esse triste acompanhamento... Vêde o ataúde onde agora vai essa tão bella quão desditosa Senhora... Vai para a mansão dos justos!

EDUARDO.

Emilia!.. assassinada!.. perdida para sempre!.. *(Correndo a scena como louco com a espada em punho.)* Infame! malvado! onde estás?... Cobarde! fugiste ao meu justo furor... Cobarde!...

FIM DO TERCEIRO ACTO.



LIBRO DE LA BIBLIOTECA

**IV**

**O RAPTO E A ILLUSÃO**

PERSONAGENS.

FERNANDEZ GUIDO.

GERONCIO.

O SACHRISTÃO.

EDUARDO.

O CAPELLÃO.

SERVENTES.

# O SOLITARIO

## ACTO QUARTO.

### ○ Rapto e a Illusão.

O atrio de uma capella com alta arcada ao fundo, através da qual se vêem cyprestes e outras arvores diversas. — À direita do publico, duas portas, das quaes uma é junta à arcada, e a outra collocada no meio desta face lateral. Sobem-se a ella por quatro degrãos de granito tallados em semi-circulo. — Na scena vêem-se alguns tumulos, entre os quaes ha um maior e mais elegante: é este o tumulo onde repousa Emilia. — É noite.

### SCENA I.

#### FERNANDEZ GUIDO E GERONCIO

*Mysteriosamente occultos atrás de um tumulo. — Finalmente sahem, e caminhão attentamente para a scena examinando-a lentamente.*

FERNANDEZ GUIDO.

Estará tudo ausente? Geroncio, não sentes rumor algum?

GERONCIO.

Nenhum, meu amo. Ha seguramente mais de uma hora que aqui estamos e nada ha a receiar. A noite está ainda escura, porque a lua já vem tarde, e tudo se ha de fazer facilmente.

FERNANDEZ GUIDO.

Espero que tudo se faça sem estorvo. Quanto á nossa sahida, sabes que não ha difficuldade?

GERONCIO.

Difficuldade!... em que?

FERNANDEZ GUIDO.

Se o caminho é curto e seguro?

GERONCIO.

Ora pois! meu amo não deixou isso a meu cuidado? — Assim como entrámos, havemos sahir. (*Mostrando duas chaves.*) Meu amo vê estas duas chaves?.. Pois uma dellas serve naquella porta que está ali junto da arcada, e outra serve em um pequeno portão que ha no fundo deste jardim. — Nós ambos, depois de termos acabado a nossa obra, e quando levarmos o rico thesouro que meu amo quer ganhar, abrimos aquella porta, passamos dahi ao jardim, caminhamos até o fundo, abrimos o portão, e... por aqui é o caminho, pernas a andar e thesouro ganho levar.

FERNANDEZ GUIDO.

Bem, Geroncio, estou muito satisfeito com a tua precaução.

GERONCIO.

Agora toca a começar a empreza, e que empreza!.. Por meio della, meu amo vai possuir um thesouro... e ali é que elle está. (*Apon-tando para o tumulto.*)

FERNANDEZ GUIDO, *seguinto a indicação de Geroncio.*

Sim, ali é que está esse thesouro tão desejado... Esse thesouro que tanto tenho ambicionado, e que enfim chego a ganhar. Ah! tu desdenhavas de mim, Emilia, certamente me aborrecias, e em meu poder agora te achas. Sim... e teu orgulho e esse intenso amor que tens por esse Eduardo que se evadio da prisão em que eu o tinha, por perfidia de um criado, baquearáo ao mesmo tempo... Esse tumulto que agora te encerra será aberto, e eu te arrancarei de dentro, porque ainda estás viva. Fiz-te adormecer profundamente, mas esse somno que pesa sobre ti, não é o somno da morte... Ah! o meu estratagemma como foi bem feito!.. Como esses miseraveis a julgárão verdadeiramente sem vida, tendo-a ella ainda para mim!.. Daqui a pouco ella estará fóra deste silio silencioso e tristonho, e daqui a poucas horas, esperarei que ella acorde do pesado somno em que jaz. (*Encaminhando-se para o tumulto.*) Eia, Geroncio, comecemos a executar a empreza.

GERONCIO, *seguinto-o.*

Meu amo teve uma lembrança rica!... Havia tanta difficuldade em possuir essa dama, que meu amo lembrou-se de adormecê-la com um excellente narcotico.... E o caso é que ficou que parecia mesmo morta, e por fim de contas está viva!

*(Elles tem subido os dous degrãos do tumulo de Emilia, e tirando ambos os seus punhaes, começam a tirar com as pontas a argamassa que une a lousa ao corpo do tumulo.)*

GERONCIO.

O que vale é que a argamassa ainda está fresca, porque não custa a sahir ; mas esta pedra é que não ha de ser muito leve.

FERNANDEZ GUIDO.

Que importa?... A força de nós ambos bastará.

GERONCIO.

Dessa sorte.... talvez.... mas isso é o que não sabemos de certo.

FERNANDEZ GUIDO.

Quanto a mim , nada receio. O amor me dará força.

GERONCIO.

Póde ser, póde ser.... E na verdade meu amor fia-se bem nelle !

FERNANDEZ GUIDO.

O tempo passa.... Levantemos a pedra.... *(Vão fazer um esforço para levantar a pedra, mas suspendem ouvindo o ruido dos ferrolhos que correm e espavoridos occultão-se atrás dos tumulos.)*

GERONCIO.

Vem gente.

FERNANDEZ GUIDO.

Occultemo-nos.

## SCENA II.

OS DITOS *occultos*, E O SACHRISTÃO *com uma lanterna na mão.* — (*Fernandez Guido e Geroncio espreitão-no e durante a sua fallá sahem de seus escondrijos, e dirigem-se vagarosamente para o Sachristão com os punhaes na mão.*)

## O SACHRISTÃO.

Oh! minha triste vida, vidinha triste!... Vir uma pessoa de noite.... sósinha.... sem mais companhia que a luz de uma lanterna para accender uma lampada de uma casa desta.... de uma casa de almas do outro mundo!... Deixa-me ao menos fazer o signal da cruz... (*Benze-se em voz alta*) Ah! já me benzi. Agora só me resta acender aquella maldita lampada, e que é preciso ainda ter a demora de fazê-la descer.... Que triste vida a minha! (*Voltando-se de repente vê diante de si Fernandez Guido e Geroncio—Recua horrorisado, e depondo precipitadamente a lanterna, começa a fazer-lhes cruces.*) Cruz.... cruces.... almas.... do outro mundo.... eu vos conjuro.... cruces.... bem o dizia.... eu.... abrenuncio! (*Querendo correr para a porta— Fernandez Guido o detem e lhe aponta o punhal ao peito.*)

## FERNANDEZ GUIDO.

Não são almas do outro mundo, são homens, e se gritas....

O SACHRISTÃO.

São homens... são homens... os Senhores então querem sahir?... Pois não! essa é boa.

FERNANDEZ GUIDO.

Não!.. mas como vieste a proposito, precisamos de ti para nos ajudares a concluir uma empreza. Segue-nos e sobe connosco a este tumulo. (*O Sachristão faz o que se lhe diz.*)

GERONCIO.

Ajuda-nos a levantar com cuidado esta pedra. É preciso fazeres força, senão.... comigo te has de haver.

O SACHRISTÃO.

Farei força.... Ora vá.... oi upa.... vá.... oi upa!

FERNANDEZ GUIDO.

Levantámo-la emfim! É preciso poussa-la com cuidado. (*Elles tem levantado a lapida e vê-se dentro Emilia vestida de branco mui simplesmente, com os cabellos cahidos, a mão direita sobre o peito, e o braço esquerdo estendido.*)

FERNANDEZ GUIDO, *contemplando-a por um momento.*

Como é bella!.. Como em seu semblante se divisa a virtude e a candura!.. Misera! sepultarão-te ainda com vida sem o saberem.

O SACHRISTÃO *sempre tremulo de horror.*

Oh! quem nunca tal vio!.. Furtar-se gente morta! Que peccado!

FERNANDEZ GUIDO.

Cala-te !... (*A Geroncio*) Tu me ajudarás a leva-la, e tu (*para o Sachristão*) abrir-nos-has as portas para que saíamos... ouviste?

O SACHRISTÃO.

Sim, senhor.

FERNANDES GUIDO.

Não nos leves porém a alguma cilada, e se tal fizeres, treme de mim, treme de Fernandez Guido se fores traidor; abre-nos as portas e conceder-te-hemos a vida. Este corpo não pertence ao tumulto, ainda vive, ainda ha de viver, e só a mim pertence. (*A Geroncio*) Geroncio, tenho comigo um pergaminho que depositarás logo neste tumulto... Talvez que algum dia elle vá ter ás mãos de Eduardo. É uma lembrança que aqui lhe deixo (*rindo ferozmente*).

GERONCIO.

Meu amo, é tempo.

FERNANDEZ GUIDO, *para o Sachristão*.

Se quizeres, dize tudo amanhã. Pouco me importará então.

O SACHRISTÃO *á parte*.

An... pois não ! essa é boa !.. Hei de dizer tudo hoje mesmo, cão, malvado, infame, demonio, maroto, pedaço de... mariola....

FERNANDEZ GUIDO.

Precede-nos.

*Sahem, precedidos do Sachristão que lhes abre a porta, e levando Emilia nos braços. — Pouco tempo*

depois volta Geroncio, e o sachristão e outro homem de Fernandez Guido. Geroncio traz um pergaminho dobrado que colloca dentro do tumulo.

### SCENA III.

GERONCIO, O SACHRISTÃO E O HOMEM.

GERONCIO.

Ora pois! se algum dia o tal Sr. Eduardo lêr este papel, verá o que elle contém. É certamente singular a lembrança que aqui lhe fica. *(Para o sachristão)* Tu sem duvida lhe has de metter tudo no bico, se o vires, e elle então não deixará de lêr este precioso papel que fica tomando o lugar da moça. *(Rindo)* Ah! ah! ah!.. Vamos porém pôr a pedra no seu lugar, e por isso é que trouxe mais este companheiro.

O SACHRISTÃO.

Não se encommode por isso, meu caro senhor, por quem é... Isso fica a meu cuidado... Amanhã eu e os meus ajudantes arranclaremos isto bem arranjadinho.

GERONCIO.

Nem mais palavra. — Mãos á obra.

O SACHRISTÃO.

Já que assim o quer., *(Collocão a pedra no seu lugar.*

GERONCIO.

Agora adeos, meu pedaço d'asno, e toma lá

em paga de tudo. (*Dá-lhe um pontapé, e sahe seguido do homem.*)

## SCENA IV.

## O SACHRISTÃO, só.

E esta!.. Que tal a despedida deste menino!.. Oh! minha triste vida! Eis o que me havia acontecer!.. Nem accendo mais a lampada. Que fique apagada.... Vamos porém ver se decoro as palavras do tal máu homem que rouba moças mortas não sei para o que. Elle disse (*arremedando Fernandez Guido*): «Treme de mim, treme de Fernandez Guido se fôres traidor; abre-nos as portas e te concederemos a vida. Este corpo não pertence ao tumulo, ainda vive, ainda ha de viver, e só a mim pertence.....» Oh! ainda bem que elle declarou o seu nome.... (*Ouve-se perto o rumor de uma carruagem que se vai perdendo na distancia*). Lá se vai a tal berlinda que leva Fernandez Guido e a tal senhora que elle roubou!.. Lá se vai.... É a primeira vez, depois de quarenta Janeiros que tenho vivido, que vejo roubar uma pessoa já morta!.. No emtanto vou contar tudo ao Capellão. (*Dão nove horas no sino grande da igreja — A lua começa a esclarecer a scena*). E então! já são nove horas. A lua ali vem rompendo; não é pois preciso accender a lampada. Por aqui chego mais depressa. (*Sahe pela porta junto á arcada. Pausa*).

## SCENA V.

EDUARDO, *chegando lentamente, com a cabeça descoberta, pallido e extremamente triste.*

Silenciosa morada da morte! Retiro de dôr e tristeza! Abobadas sombrias e mudas!... E é aqui que repousa aquella que tanto me amava e eu tanto amei!.. Aqui, onde a mesma claridade da lua passando através dos verde-negros ramos dos acyprestes e desta arcada, infunde tristeza.... E nestes lugares de luto é que o triste vivente vem pagar um derradeiro e saudoso tributo ao ente querido de seu coração!.. É nestes lugares que, não podendo mais dar-lhe a mão para arranca-lo do seio da morte, se consola ao menos vertendo lagrimas de amor e saudade até chegar a seu turno a hora do passamento no inverno precoce da sua vida!.. (*estando junto do tumulo de Emilia*). Oh! mudo e triste jazigo! (*Cahindo de joelhos sobre os degrãos*) eis-me.. eis-me de joelhos junto de ti, banhando-te com saudosas e tristes lagrimas.... Emilia!.. Emilia... ente querido que tanto amei! o meu amor para contigo ainda persiste, ainda te amo!.. Victima innocente de um cruel assassino, de um assassino que se vingou de mim com a tua morte, e que concorreu para que eu visse a fria lousa do tumulo occultar para sempre o teu corpo ainda

mais frio que ella!.. Ah! quão infeliz foi o nosso amor, quão fatal o meu destino!.. Já não posso ouvir de teus labios essas fallas de amor tão suaves, porque tua alma pura jaz na mansão do eterno descanso.... Coberto agora com este vestuario de dó, tenho de vir chorar sempre sobre a tua campa, e tu com o teu nunca interrompido silencio é que has de responder aos meus amargurados lamentos!.. Oh! se por ventura se pudesse acordar-te desse eterno somno em que jazeis, quão felizes seriamos ainda?!.. Porém nunca deixarei de aqui vir para chorar-te, victima innocente do amor e da crueldade de um assassino... nunca! Porém, ó meu Deos, já que não pude castigar o crime, a vós compete e só a vós, dar o merecido castigo.... E tu, ó ser inanimado, não deixarás por certo de amaldiçoar, por sob estes marmores que te cobrem, a um monstro que inhumanamente te arrancou para sempre de meus braços.... Separado de ti, terei de passar uma vida de angustias crueis, uma vida infeliz e cheia de tormentos e desesperação. (*Soluçando*) Ah! valei-me.... não permittais, ó meu Deos, que a minha vida, se bem que cruel, acabe por algum acto proveniente do desespero.... ah! não o consintais.... (*Encosta a cabeça sobre o tumulo cobrindo o rosto com as mãos. — Ouve-se soluçar debaixo. — Pouco tempo depois, ergue-se, limpa as lagrimas, e caminha a passos lentos para a frente da scena.*)

Quão infeliz será a minha vida! mas que farei? — Terei resignação para poder supportar este golpe fatal que me acertou no coração... e vir por todo o sempre banhar com saudosas lagrimas aquelle jazigo silencioso... O nosso amor acarretou grandes infortunios; desde o seu começo foi infeliz, porque um traidor sempre se collocou entre nós, e sempre nos oppunha tremendos obstaculos... — Pôz-me n'uma horrivel e humida prisão, e por fim vendo-me livre do seu jugo, buscou vingar-se por meio do crime... E assassinou uma donzella amavel e virtuosa como nenhuma!... Oh! infelicidade inaudita que tão cruelmente me has perseguido! Foge... afasta-te de mim... não me faças soffrer mais transes dolorosos da vida.... (*Com voz sombria*) Como a descarnada mão da desgraça me guiou ao abysmo onde fez desaparecer todas as minhas esperanças!.. Como tudo se desvaneceu!... A minha sonhada ventura, a minha esperançosa vida privada e feliz, a posse de uma esposa virtuosa, tudo se abysmou n'um pelago de desgraça e horror, tudo obscureceu a minha malfadada estrella que sempre me apparecia pallida e melancolica no seu negro horizonte!... (*Volviendo os olhos ao tumulto*) Ah!.. tu me ouves certamente, Emilia... (*Indo para junto d'elle*) Emilia!.. eras tu a metade da minha vida!.. (*Fica em extrema angustia.*— Pouco tempo depois ouve-se correr os ferrolhos da porta. Eduardo volta-se

para a porta.) Quem virá aqui para acalmar minhas magoas?

## SCENA VI.

## EDUARDO E O CAPELLÃO.

O CAPELLÃO.

Deos seja em vossa companhia, mancebo.

EDUARDO.

Ah! sois vós?

O CAPELLÃO.

Não me esqueci de vós, meu filho. Desconfiei que aqui estaveis, e venho vos dizer uma cousa. Haveis ter resignação para tolerar o vosso infortunio e mais aquelles que estiverem ainda para acontecer.

EDUARDO.

Oh! sim... terei resignação para tolerar o meu infortunio.

O CAPELLÃO.

Sim, meu filho. Devemos todos sujeitar-nos á vontade do Ente Supremo. — O homem deve ter coragem quando a desgraça o maltrata; só encontra allivio e protecção em Deos, e com essa poderosa protecção, sobrepuja todos os obstaculos, todas as privações, até...

EDUARDO, *interrompendo-o.*

Até á morte... que é depois que vem dar fim ás desgraças soffridas durante a vida... Ah! se

soubesseis quanto me custa, e me custará viver separado para sempre daquella que ali repousa....

O CAPELLÃO.

Que dizeis?!

EDUARDO.

Ainda repito, se soubesseis quanto me custa viver separado para sempre daquella que tanto amei!.. Mas ah! não penseis que eu pratique alguma acção abominavel aos olhos de Deos.... Não.... e por elle eu o juro... Mas a minha vida ha de certamente ser uma serie de calamidades.... Se ella tiver de ser longa, horriveis privações tenho por certo de soffrer.

O CAPELLÃO.

Só Deos sabe do vosso futuro, e elle vos ensinará por sua infinita providencia e sabedoria a tudo soffrerdes com coragem.

EDUARDO.

Oh! coragem... tenho já tido bastante, tem sido excessiva... A minha dôr porém não deixa de ser intensa; mas ao menos, emquanto vivo fôr, hei de aqui vir para, com meu triste pranto, banhar a lousa que cobre aquelles adorados restos, depois que tiver orado no altar de Deos por seu eterno descanso!.. (*Em lagrimas*).

O CAPELLÃO.

Infeliz mancebo! quanto são de lastimar as vossas magoas!.. Vós tinheis porém de passar por esses transe; Deos assim havia determi-

nado, e portanto só vos resta ter resignação nos soffrimentos que houverem de succeder.

EDUARDO.

Vós predizeis-me isso?.. Ah!

O CAPELLÃO.

Tendes razão, perdoai-me. — As minhas palavras não forão animadoras. (*Momento de silencio.*)

EDUARDO, *pensativo.*

Eu separado de Emilia pela morte não terei uma vida, quanto mais longa ella fôr, sobrecarregada de desgostos?

O CAPELLÃO.

Meu filho, se alguma lembrança terrivel se apossou de vós, repelli-a. Quanto a essa boa senhora...

EDUARDO, *interrompendo-o.*

Habita a mansão dos justos, onde a maldade dos homens não pôde attingir... Ai triste!.. Ella morreu, e nem sequer recebi o seu ultimo suspiro!... Foi envenenada... assassinada!.. e sabeis por quem?

O CAPELLÃO.

Não o conheço, meu filho, porque a minha vida ha muitos annos que a passo tranquillamente nesta capella, sem me importar com as cousas mundanas, e muito menos ainda conheço assassinos. Sei já porém o seu nome...

EDUARDO.

O assassino foi Fernandez Guido, o meu im-

placavel inimigo... Foi elle que despedaçou para sempre os vinculos que me ião unir a Emilia...  
(*com furor concentrado*) Foi elle que a assassinou!...

O CAPELLÃO, *á parte.*

Infeliz! tudo ignora! Ella não morreu, mas foi sacrificada á desgraça. (*Alto*) — Descansai que elle terá o castigo merecido. Deos nunca deixou de premiar a virtude e castigar o crime. Esse Fernandez Guido será sempre, será todo o restante da sua vida atormentado pelo remorso, e na eternidade...

EDUARDO, *interrompendo-o.*

Pelos tormentos do inferno.

O CAPELLÃO, *horrorisado.*

Ah!..

EDUARDO.

O castigo queria eu dar-lh'o... Queria eu por minhas proprias mãos punir um crime commettido contra uma innocente.

O CAPELLÃO.

Deixai-o antes á conta de Deos.

EDUARDO.

Assim fiz... Entretanto não sabeis quanto elle me perseguio e me maltratou; e ainda sobretudo assassinou uma innocente!... Era uma noite em que, julgando-me no cumulo 'da felicidade, estava ás bordas do precipicio... Inesperadamente tudo mudou, e achei-me em um horrivel antro subterraneo... Estava em poder de Fernandez

Guido. Tudo, a principio, me pareceu um sonho, um pesadêlo terrivel... Era a realidade.

O CAPELLÃO, *á parte.*

Pobre mancebo !

EDUARDO.

Finalmente fui livre... Deixei esse homem, abandonei-o ao desprezo e ao esquecimento, e elle, para se vingar de mim, assassinou Emilia!.. Anteriormente, clamava só vingança contra elle, e quando me achei livre, obrei com generosidade para com elle que não merecia senão a morte... Não ponderou porém, como devia, a acção que eu praticára, e effectuou seu abominavel projecto.

O CAPELLÃO, *á parte.*

Será bom já desengana-lo?.. Sim, é...

EDUARDO, *continuando.*

Vêde pois como o ciume, a raiva e o assassinio o seguião tão de perto. Não quiz ser generoso como eu fui para com elle, que trilhou sempre o caminho ensanguentado do crime, e sem nunca reflectir no que praticava. Insensato! que teve coragem de fazer soffrer morte de tão cruas angustias a uma donzella virtuosa, uma imagem da virtude e da belleza, um lirio de innocencia e candura!... E ao mesmo tempo eu, em vez de encontrar o começo de uma vida toda de delicias, encetei uma vida que me será para sempre infeliz!.. Infeliz! e para sempre! (*Com angustia*) E quem é a causa de tudo isto? quem é a causa

da minha desgraça? — Um traidor... (*Terrivelmente*) um monstro... um assassino, que seria capaz tambem de me dar a morte!.. A mim, que tive a sua vida nas minhas mãos, a mim que perdoei o que elle merecia, e que até mesmo cheguei a jurar de nunca attentar contra a sua perigosa vida!.. Ah! ainda digo porém: maldição! maldição sobre o assassino da innocencia!

O CAPELLÃO.

Prestai attenção ao que vos vou dizer.

EDUARDO, *continuando*.

Um homem como este merece a morte, e morte affrontosa... O seu corpo merece ser abandonado á voracidade das feras, e a sua alma... (*com força*) ser dotada ao inferno! (*Longa pausa — Apontando depois para o tumulto*) A sombra daquella que ali repousa concorrerá em parte para o castigo de Fernandez Guido. Prouvera a Deos que elle passe sempre em desassocego, vendo ante si um vulto de mulher terrivel e ameaçador!..

O CAPELLÃO, *á parte*.

Julga que com effeito ella é morta... misero! — (*Alto — com mysterio*) Infelizmente muitas cousas ha ás vezes que são ignoradas por aquelle que não as deve ignorar.

EDUARDO.

Que quereis dizer!.. Não vos entendo.

O CAPELLÃO.

Quando um homem vive triste e enganado, é

mister ás vezes que, quando outro homem tudo sabe, o desengane, conte o factó tal qual é.

EDUARDO.

A que vos referis!.. esse mysterio!

O CAPELLÃO.

Eu vo-lo explicarei.

EDUARDO.

Será alguma cousa a meu respeito?

O CAPELLÃO.

É um mysterio que para vós deve ser admiravel, e que me horroriso em conta-lo. Ninguem mais o sabe senão eu e o sachristão desta igreja que foi testemunha forçada de tudo... Servirão-se deste silencioso recinto para a perpetração de um crime.

EDUARDO.

Um crime!

O CAPELLÃO.

Um crime... e que crime!.. Um crime abominavel... Perpetrado por quem?..

EDUARDO, *com sorpresa e desconfiança.*

Quem?.. quem commetteu esse crime?

O CAPELLÃO.

Um scelerado, um homem sem duvida capaz de tudo.

EDUARDO.

Oh! eu tremo ouvindo-vos fallar por esse modo.

O CAPELLÃO.

E quem poderia ser autor desse crime senão Fernandez Guido?

EDUARDO, *horrorisado.*

Fernandez Guido!

O CAPELLÃO.

Sim: elle teve tal ousadia, que mesmo neste lugar consagrado commetteu um crime... de roubo!

EDUARDO, *com espanto, olhando para o tumulo.*

Um roubo!..

O CAPELLÃO, *conduzindo Eduardo para junto do tumulo, mostrando-lhe a fenda aberta da lousa, e a argamassa espalhada no chão.*

Reparai.

EDUARDO, *reparando e voltando depois confuso.*

Ah! meu Deos! esta pedra foi deslocada!.....

CAPELLÃO, *ao bastidor e puxando o cordão de uma sineta.*

Vós ides ver e certificar-vos... (*voltando*) Tambem vou ver e certificar-me, porque só sei o que me disserão. — Aquelle tumulo guardou por algumas horas uma pessoa ainda viva, e que foi dali raptada por um malvado.

EDUARDO, *desorientado.*

Padre.... padre... que dizeis!... Fernandez Guido atrever-se-hia?... (*em delirio*) Roubada!.. roubada!.... (*Approximando-se do tumulo e recuando ao mesmo tempo*) Ah!.. meu Deos! será isto

possivel?... — Não duvido... elle é capaz de tudo... e parase apoderar della usou semelhante meio!.. Infame!

*(Apparece um servente da Igreja.)*

### SCENA VII.

#### OS DITOS, E O SERVENTE.

O CAPELLÃO, *ao servente.*

Chamai mais alguns de vossos companheiros para levantarem a campa daquelle tumulo...  
Ide. *(O servente sahe.)*

### SCENA VIII.

#### OS DITOS, MENOS O SERVENTE.

O CAPELLÃO, *a Eduardo.*

Hoje foi ali depositada essa infeliz senhora ainda viva, segundo a falla do malvado que a raptou. Dous homens se introduzirão neste lugar sem ninguem os ver: occultárão-se. As portas fechárão-se, segundo o costume. Vindo o sachristão para accender aquella lampada, encontrou-os, quiz fugir, mas delivérão-o ameaçando-o com a morte e propondo-lhe de os ajudar a concluir a sua nefanda empreza.... Tirárão emfim essa donzella do tumulo.... Intimárão ao pobre homem de lhes franquear a sahida, ameaçando-o

de novo para que elle os não conduzisse a alguma cilada, dizendo um delles: «Treme de mim, treme de Fernandez Guido se fôres traidor; abre-nos as portas e conceder-te-hemos a vida. Este corpo não pertence ao tumulo, ainda vive, ainda ha de viver, e só a mim pertence!» — E o infame roubador não premeditou no erro que commetteu em declarar o seu nome!... Era certamente a precipitação com que perpetrava o crime que o desatinava..... Oh! que horror!

*(Neste momento entrão alguns serventes, sobem todos os degrãos do tumulo, e occupão-se em levantar a pedra. — Eduardo tem escutado a falla do padre com terror e delirio.)*

## SCENA IX.

### OS DITOS, E OS HOMENS.

O CAPELLÃO, *continuando.*

Essa digna e destitosa donzella ainda vive... mas não sei para onde o malvado a levou.

EDUARDO, *em extrema consternação.*

Ai! que tudo para mim se findou!... tudo para mim é horror e martyrio... tudo para mim é já impossivel!.... Emilia!... Emilia.. separada de mim!.. e talvez para sempre.... Roubada!

*(Os homens tem tirado a pedra do tumulo, e vê-se dentro o pergaminho dobrado que Geroncio deixou. — Eduardo, vendo o tumulo vazio, encaminha-se a*

elle tremulo, horrorisado, e indo cahir de joelhos sobre os degrãos. — O Capellão tambem fica aterrado.)

EDUARDO.

Ah!....

O CAPELLÃO.

Grande Deos! é a terrivel realidade.

EDUARDO.

Emilia!.. eu te perdi!.... E eu julgando que aqui estavas para sempre encerrada, vinha chorar-te!... Oh! meu Deos! meu Deos! é horrendo!

O CAPELLÃO, apontando para o Céu.

Esperai em Deos, só em Deos.

EDUARDO, vendo e pegando rapidamente no pergaminho.

Eis o que o malvado aqui deixou. (*Erguendo-se e correndo a vista por elle depois de o ter aberto.*) E' com effeito delle. O que dirá? — (*Lendo*) « Misero Eduardo! contempla a tua obra.... És o culpado disto. (*Continuando a ler tremendo.*) Pensaste que, por te livrares do meu poder, ririam de mim?... Não... não... não me seria possivel tolerar isso..... Fiz dormir á tua amante um somno semelhante ao da morte.... Mandarão-a encerrar neste tumulo, ainda estando ella viva, e eu arranquei-a delle para satisfazer meus ardentes e antigos desejos.... (*Continuando a ler, mas vacillante*) e tu, miseravel, embora sobrecarregues o meu nome de ignominia, que

eu... rindo-me de ti... gozarei um amor venturoso.... »

*(Pronuncia estas ultimas palavras com voz sufocada e desfallecida, e cahindo com um grito abafado. O Capellão ergue os olhos ao éo. — Os homens observão tudo com espanto. — Cae o panno.)*

FIM DO QUARTO ACTO.



V

**A RESTITUIÇÃO**

PERSONAGENS.

EDUARDO.

FERNANDEZ GUIDO.

OLAVO.

EMILIA.

# O SOLITARIO

## ACTO QUINTO.

### A Restituição.

O interior de uma pobre cabana. Ao fundo, duas janellas, no meio das quaes ha uma porta que dá sobre um estreito atalho em um lugar ermo na encosta de uma montanha; ao lado direito do publico uma velha mesa, tendo junto um banco; ao lado esquerdo vê-se um tosco leito, sobre o qual se vêm estendidas algumas palhas seccas; na scena duas velhas cadeiras. Alguma louça de terra disposta nas prateleiras, etc.

### SCENA I.

O SOLITARIO, *sentado junto da mesa,  
pallido, abatido e melancolico.*

Durante oito annos de vida solitaria, baldados tem sido meus esforços para dissipar antigas recordações que nunca hão cessado de me virem á idéa. A lembrança do passado sempre se me antolha, baldadas as distracções que a ella opponho. Vivendo retirado do mundo, vivo tranquillo neste retiro, na independencia e no esquecimento. Depois que me encerrei sob este mesquinho tecto, cessei de percorrer a senda

erradia e escabrosa da incerteza e da desgraça, que, se eu continuasse a percorrer, causar-me-hia lentamente a morte!... Esta triste cabana tem me livrado não só da inconstancia do tempo, mas tambem da maldade dos homens... Não temo aqui os salteadores homicidas, porque nada tenho que elles desejem subtrahir; não temo o ferro do assassino, porque não me entremetto nas cousas mundanas. (*Pausa.*)

Neste solitario lugar apenas conheço um eremita que habita a pouca distancia desta miseravel cabana, em outra não menos miseravel do que esta; e, depois de Deos, é a elle que devo o pão com que me sustento. Fr. Anesio é que, com sua verdadeira bondade, se tem encarregado de me trazer tudo quanto é necessario para a vida.... E esse digno sacerdote é que nas occasiões de minhas magoas me consola e me dá esperanças de feliz porvir... Ah! se essas esperanças se realisassem! mas, é já impossivel... tudo para mim se findou, tudo se abysmou e desapareceu para sempre!

Lamentando o meu estado actual, pensando sempre no passado, e no amor que nesse passado nutrira, assaltão-me ás vezes pensamentos tristes e saudosos.... Penso ás vezes ella ainda viver, e não poder ir vê-la e abraça-la, por ignorar o lugar onde vive; penso ás vezes ser ella já morta, e então... oh! então sinto opprimir-se-me o coração, sobre o qual sinto tambem as minhas

lagrimas cahirem gotta a gotta, e, demais, por não saber onde existirá o seu tumulo para beija-lo e humedecê-lo com minhas tristes lagrimas. Ah!, julgando vê-la incessantemente, repousaria talvez mais docemente do que naquelle tosco leito onde passo noites tormentosas!.... Ah! sim... se soubesse ao menos onde repousa aquella que tanto amei, iria, com meu pranto, banhar a lousa que cobre seus adorados restos!.. Oh! meu Deos! será possível que ella tenha já fugido deste mundo de continuas tribulações, e habite hoje a mansão do eterno repouso?... *(Com tristezza e consternação)* Nunca mais soube della... Nunca tive a menor noticia... consoladora ou desanimadora que fosse!

A vida, no meio do bulicio continuo do mundo pareceu-me afflictiva, e busquei então a vida solitaria e independente, desejando a tudo ser estranho... Sim: busquei o retiro das montanhas, porque nada já me restava na terra. E o unico homem que, por assim dizer, eu amava, jaz na eternidade!... Ah! Olavo! irmão querido do meu coração, nem ao menos viveste ainda para dares algum lenitivo á amargurada vida que hei passado!.. Eis porque me decidi a viver occulto, para, no socego do retiro, evitar outros males.

*(Neste momento um religioso, guiando um vulto, apparece á porta; falla-lhe baixo indicando o Solitario, e retira-se logo depois. O vulto entra en-*

*volto em comprido manto negro, com chapéo de abas grandes enterrado até os olhos.)*

## SCENA II.

## O SOLITARIO E O VULTO.

O VULTO, *á parte.*

Será por ventura quem procuro? (*Alto*) Perdoai-me a ousadia de aqui entrar sem que me annunciasse.

O SOLITARIO, *erguendo-se sobresaltado.*

Quem sois? (*á parte*) Esta voz!...

O VULTO.

Um culpado que anda em busca de um homem que outr'ora perseguio. Ha oito annos que o procuro... Tenho feito a diligencia possivel de o encontrar... Sereis vós?

O SOLITARIO, *á parte.*

Oito annos em procura!... (*Alto*) Vêde não vos enganeis; talvez seja outro.

O VULTO.

Podeis ao menos dizer-me quem sois?... Podeis dizer-me o vosso nome?

O SOLITARIO.

Quem sou?... Sou um homem que hei vivido retirado do mundo, sou um homem a quem a vida solitaria é a que lhe convém. — Quanto ao meu nome, desculpai-me não vo-lo dizer.

O VULTO, *à parte.*

Serão por ventura ainda mallogradas as minhas esperanças? (*Alto*) Talvez o meu repentino apparecimento vos sorprendêra, e vos tenha causado admiração fazer-vos taes perguntas; mas, se eu encontrasse esse homem que procuro, revelar-lhe-hia um mysterio que só eu e... outra pessoa... é que presentemente o sabemos, e depois da revelação deste mysterio, eu o faria feliz.

O SOLITARIO.

Então não sou quem procurais, porque a felicidade abandonou-me ha muito tempo e já não tenho esperanças de goza-la.

O VULTO.

Não tendes esperanças?... Entretanto ainda me pareceis joven, e ainda que tendes vivido triste neste retiro, não deverieis perder esperanças de melhor futuro.

O SOLITARIO.

Trinta e dous annos hão já passado por sobre minha cabeça. Durante a minha infancia, o tempo se passou alegre e tranquillo; porém, chegando á idade em que nos chamão os prazeres, fui, desde então, perseguido e acabrunhado pela desgraça!

O VULTO, *à parte.*

Eu o reconheço agora. (*Alto*) Tendes aquz vivido durante muitos annos?

## O SOLITARIO.

Oh! sim... para mim tem sido mui dilatados os annos que aqui tenho vivido; e então... separado talvez para sempre daquella que tanto amei...

## O VULTO.

Segundo o vosso fallar, foi talvez um amor infeliz que vos reduzio a este estado. (*À parte*) Não me enganarão.

## O SOLITARIO.

Ainda que me sejais desconhecido, não me importa comtudo revelar-vos totalmente o que acabais de saber.

Dizeis-me que, segundo o meu fallar, foi um amor infeliz que me reduzio a este estado, e assim aconteceu, porque, quando eu o nutria, não via os perigos que me ameaçavão... Ah! o amor não conhece os perigos, porque tem os olhos vendados aos temores. Foi elle a origem dos males que tenho soffrido; foi elle que, sendo funesto tanto a mim como áquella que eu adorava, attrahio a si, por sua lealdade e constancia, a rivalidade e a inveja que triumphou sempre, por meio do crime, dos obstaculos que eu e ella lhe oppunhamos... Tudo foi baldado!... Oh! quantas vezes estando nos braços um do outro, alegres naquelle momento por nos julgarmos em plena liberdade para trocarmos fallas de amor, e pensando na brevidade do nosso hymeneo, sorriamos de prazer, e como que ás vezes

julgando-nos já unidos para sempre?!.. Mas ah! se nós nos amavamos ardentemente, se eu vivia só para ella, havia outro que tambem a amava, e que sempre nos momentos agradaveis de nossas entrevistas nos arrancava dos braços um do outro. — A vez primeira fê-lo por meio da traição, pondo-me sob seu poder em uma masmorra subterranea; a ultima... por meio do crime...

O VULTO, *á parte.*

É com effeito quem procuro; mas que funestas recordações!...

O SOLITARIO.

Não julgueis porém que esse rival a assassinasse... Não... elle não a assassinou, como eu e todos os que a conhecião o julgárão, por meio do veneno; porém fê-la adormecer profundamente, e nós que a julgámos morta a encerrámos ainda com vida em um tumulto, donde foi roubada!... Sim... esse rival arrancou-a do tumulto para satisfazer o seu amor!... Desde então nunca mais soube della, nunca mais a vi!... Oito annos já hão decorrido que elle raptou-a, e durante estes oito annos tenho vivido nesta tranquilla solidão. — Eis portanto o que me basta dizer a meu respeito.

O VULTO, *á parte.*

É elle... encontrei-o emfim! (*Alto*) Poderme-heis dizer o nome do vosso rival?

O SOLITARIO.

Assim como não digo o meu, desculpai-me não vos dizer o delle.

O VULTO.

Não m'ò dizeis!... Qual o motivo?

O SOLITARIO.

Quando proferimos os nossos nomes, é sempre com odio, e talvez que odio elle ainda me tenha.

O VULTO.

Se eu vos disser que é o contrario do que pensais?

O SOLITARIO.

Oh! terá elle, durante estes oito annos, abrandado o rancor que contra mim tinha?

O VULTO.

Se eu vos disser que elle presentemente vos estima e vos deseja a felicidade?

O SOLITARIO, *olhando-o fixamente.*

E quem sois vósque me vindes fallar nesse homem? Vós o conheceis?... Quereis por ventura dar-me informações desse homem que, outr'ora, com mão sangrenta e criminosa cavou a minha desgraça?... Vireis por ventura por ordem sua? E, além disso, vindes com tanto mysterio!... Ah! não me importa, nem quero saber delle.— Sabei que ainda, apezar dos annos que hão decorrido, nutro algum odio contra elle... Esse homem cruel que me fez curvar sob o peso do infortunio, que me tem feito passar uma vida sobrecarregada de vicissitudes, está livre da minha vingança

pelo juramento que fiz de não attentar contra a sua vida. Todavia, muitas vezes me lembro desse homem. Sim... quando me lembro desse tempo de ventura e adversidade, é que me lembro desse homem... (*com explosão*) desse facinora, que sempre tinha, quando queria, o braço armado para o crime.

O VULTO, *à parte, com um movimento de horror.*

Ah!...

O SOLITARIO.

Um homem que raptou uma donzella orphãa, uma donzella que nunca conhecêra seu pai, que não tinha arrimo algum neste mundo que a arrancasse das negras mãos do ciume e da rivalidade, e a defendesse de qualquer acontecimento imprevisto!... Ah! e eu que nunca a pude defender por ser sempre perseguido!

O VULTO.

Esse homem que vos perseguira, e que também vos odiara, agora não vos odêa: procura-vos.

O SOLITARIO, *olhando-o com desconfiança.*

Procura-me!

O VULTO.

Sim, procura-vos para vos restituir a verdadeira felicidade, e vós tão cruelmente ainda o odiais.

O SOLITARIO.

Homem mysterioso, tenho-vos revelado tudo

quanto me diz respeito, e ainda não sei de certo quem sois.

O VULTO, *descobrimdo-se e arrojando o manto para longe.*

Conheceis-me?

O SOLITARIO, *recuando horrorisado.*

Fernandez Guido!... Aqui!

FERNANDEZ GUIDO.

Sim, é elle... não vos enganastes... Sou esse Fernandez Guido que sempre vos perseguio e que foi vosso implacavel inimigo, mas que agora, humilhante a vossos pés... (*cahindo de joelhos*) vos pede perdão de tudo quanto vos tem feito soffrer. (*Supplicante*) Ah! perdoai a um homem para quem, no passado, a perpetração de um crime era nada... Mas ah!... não vêdes pintada em meu rosto a dôr do remorso?.. Perdoai-me, Eduardo.

O SOLITARIO, *com tranquillidade, ajudando-o a erguer-se.*

Erguei-vos... Ainda que me custe a dar credito ao que vejo e ao que ouço, comtudo ainda reconheço em vós o altivo Fernandez Guido.

FERNANDEZ GUIDO.

Oh! sim, mas muito mudado do que foi... Serei porém perdoado?

EDUARDO.

Perdoar-vos não o devia eu... E quem vos perdoaria?

FERNANDEZ GUIDO, *com terror.*

Ah! quereis pois condemnar-me á vossa maldição? quereis cravar-me um ferro em brasa no coração?

EDUARDO.

Quantas vezes me não fizestes o mesmo?... Ah outr'ora, quando me perseguieis com a vossa indomavel perfidia e crueldade, acalentei contra vós um pensamento terrivel: a vingança! esse hediondo deleite do inferno!.. Ouvi muitas vezes o rugir rouquenho e medonho dos demonios da vingança... Bramavão todos horrivelmente contra vós, e eu, muitas vezes, com os olhos turvos de ira, apertei com mão convulsa o punhal que me offertavão... Tive porém a generosidade de lutar contra esse pensamento, e, lembrando-me de Deos, lembrei-me que Elle vos daria, por vossos crimes, um castigo mais lento e mais cruel. Ah! e agora, Fernandez Guido, se eu quizesse seguir esse pensamento de sangue, não era propicia a occasião? Era, porque então não me escaparieis; mas o meu juramento.... (*Subitamente, pegando no braço de Fernandez Guido, e dando com elle alguns passos para a frente da scena*) — Fernandez Guido, fostes vós que roubastes Emilia, vós a tendes sob o vosso poder. Se é viva, dizei-me onde está, porque quero vê-la; se é já morta, dizei-me onde existe o seu tumulo.., Ah! dizei-me onde ella agora existe, que eu vos perdoarei.

FERNANDEZ GUIDO.

Eu vo-la restituirei.

EDUARDO.

Haveis restituir-m'a!... Grande Deos! darei por ventura credito a meus ouvidos? É por ventura Fernandez Guido que assim me falla?

FERNANDEZ GUIDO.

E, se fôr preciso, cumprirei esta promessa sob juramento.

EDUARDO, *depois de um momento de reflexão.*

Ainda que me tenha custado a acreditar o que aquelle que fôra meu inimigo me diz, parece-me porém ouvir uma voz secreta dizer-me que elle vem com sentimentos conciliadores e de felicidade.... Se outr'ora eu blasphemava contra vós, Fernandez Guido, e desejava ter a mão armada para matar-vos, agora inerme vo-la apresento, perdoando a amarga vida que me haveis feito passar, e esqueçamos antigos odios.

FERNANDEZ GUIDO, *apertando-lhe a mão.*

Homem generoso! quão tarde vos conheci!... E eu quão cruel fui em sempre vos perseguir e pôr obstaculos á vossa ventura! Eu ser a causa do infortunio de vós ambos! Ah! por isso tenho pintados em meu rosto os signaes do crime, e o remorso que me atormenta me acompanhará ao tumulo.... (*Com terror*) Oh!... um pai ser a causa da desgraça de sua filha!!...

EDUARDO, *com espanto.*

Sua filha!

FERNANDEZ GUIDO.

Sim: Emilia é minha filha... Tudo descobri sem que ella o soubesse.... Sou eu seu pai, e fui eu... eu que causei tantos infortunios!...

EDUARDO, *no auge da admiração.*

Emilia é vossa filha!.... (*Com os olhos no Céu*)  
O' meu Deos! quão grandes são vossos designios!

FERNANDEZ GUIDO.

Eu mesmo me horroriso de meus passados crimes.... O tempo da minha mocidade foi um tempo tenebroso em que eu praticava toda a casta de escandalos... (*Com terror*) E agora o remorso me atormenta, e me atormentará até á morte! Ah! Eduardo... prophetisastes o meu terrivel castigo. É lento... é cruel... horroroso... mas é merecido.... (*Cobrindo o rosto com as mãos*) Ah!... a maldição do Céu pousou sobre minha fronte opprimida pelo seu peso formidavel.... O horror de meus crimes divisa-se em meu semblante!.... (*Recuando horrorisado*) Segui sempre o caminho sanguento do crime... Ah!.. e lá se erguem espectros horriveis... procurão estancar o sangue de suas feridas... indicação-me... mas a quem?... Ao anjo exterminador e cruento do remorso!... ás furias infernaes que atêão o fogo lento da minha expiação! Ah!.. (*Cahindo de joelhos aniquilado e tremulo de horror.*)

EDUARDO.

Deixai o passado ao esquecimento, e buscai d'ora em diante um tempo de ventura e socego. Tranquillisai-vos, e buscai repellir essas visões implacaveis por um sincero arrependimento. — Oito annos hão já decorrido depois que me afastei do borborinho incessante desse mundo de miseria e devassidão. Tenho vivido nesta choupana miseravel que me tem abrigado da intemperie das estações, e me tem occulto á vista dos homens, assim como tambem da vossa até então. — Nunca em minha vida o remorso me martyrisou, mas sorvi a grandes tragos o fel de amarga saudade, na taça do infortunio. Fernandez Guido, fallai-me sómente agora naquella que sempre tem occupado meu pensamento, naquella a quem só tive verdadeiro amor, e que tem sido tão constante!

FERNANDEZ GUIDO, *depois de se erguer.*

E não tem sido menos constante o amor de Emilia para comvosco. A dôr da saudade empallideceu-lhe o semblante, mas ainda conserva a sua belleza e toda a sua candidez. — É tempo porém de vos revelar tudo: ouvi-me.... Como bem sabeis, Emilia foi raptada por mim... Transpuz fugitivo as fronteiras deste paiz, e cheguei ás minhas terras satisfeito do meu triumpho e da minha insensata vingança!... Um dia depois da nossa chegada, descobri, por um acaso extraordinario, que era eu o autor de seus dias...

Desde então tinha horror a mim mesmo, e não pensei senão em restitui-la áquelle de cujos braços a arranquei.... Tratei-a com a ternura de pai para filha — não sem admiração sua — e ella correspondeu-me com respeito e submissão de filha... Apromptava-me para partir de novo das minhas terras e vir com ella a Portugal, para procurar-vos e entregar-vo-la como esposa, quando ella, admirada por ver os preparativos de jornada, perguntou-me: «Para onde imos? para onde me quereis levar? — Para a vossa patria, para Portugal,» lhe respondi. —E ella mais admirada ainda: «Para a minha patria! para a terra onde elle habita! — Sim: para a vossa patria, e iremos em busca daquelle que tanto amais.» — Imaginai qual a sua alegria depois de conhecer a verdade de minhas palavras; e imaginai tambem que martyrio eu soffria. Soffria o duro remorso que me atormentava incessantemente por ter sido a causa de vós ambos soffrerdes tantas desditas!.... Partimos; e até agora temos andado em vossa procura.

EDUARDO.

Oh! quero vê-la... quero já vê-la.... Mas ah! nem ao menos ainda vos pedi perdão, a vós que sois seu pai.... Sim, senhor, perdoai os discursos que o furor me fazia proferir contra vós.

FERNANDEZ GUIDO.

Será esse o unico remorso que tendes? — Facilmente se ha de extinguir. . . . . Como ia

dizendo... Durante oito annos vos temos procurado por todo o paiz. Eu com o desejo de restituir-vo-la, ella com o desejo de vos tornar a ver e unir-se a vós para sempre.... Hoje, caminhando por estas solidões, entrámos na cabana de um eremita que mora a pouca distancia daqui, e que diz chamar-se Fr. Anesio..

EDUARDO.

Fr. Anesio! O amigo unico que tenho neste lugar!

FERNANDEZ GUIDO.

Sim, e a elle eu disse tudo o que acabei de vos dizer; porém pedi-lhe segredo sobre o que disse de Emilia ser minha filha, assim como tambem o peço a vós. —Ella mesma acha mysterioso o meu modo de proceder para com ella; mas nunca direi que sou seu pai, nem vós tambem lh'o direis, porque este segredo o levarei ao tumulo... Fr. Anesio ouviu a minha revelação com grande interesse, e apenas acabei de fallar, disse-me que o seguisse juntamente com Emilia, e chegados ante esta habitação, disse-me que quem morava aqui era com effeito quem eu procurava, mas que primeiro me certificasse. E me fez entrar.

EDUARDO.

E ella.... Emilia onde está?

FERNANDEZ GUIDO.

Perto daqui; ides vê-la.

EDUARDO.

Emilia perto de mim!.. Por quem sois....

FERNANDEZ GUIDO.

Eduardo, assim como tendes tido coragem para supportardes o peso de oito annos de ausencia e saudade, tende tambem firmeza para supportardes o excesso da alegria.

EDUARDO, *como para sahir.*

Oh! não me façais mais esperar... Quero vê-la  
(*com impaciencia*).

FERNANDEZ GUIDO.

Esperai, Eduardo. — O meu segredo nunca o reveleis.

EDUARDO.

Nunca, eu o juro.

(*Neste momento, entra Frei Anesio seguido de Emilia, que, apenas é indicada a Eduardo por Fernandez Guido, corre a lançar-se em seus braços no auge da alegria.*)

## SCENA III.

OS DITOS—FREI ANESIO E EMILIA.

FERNANDEZ GUIDO, *indicando Emilia.*

Ei-la... Abraçai-vos.

EMILIA, *com ternura.*

Eduardo!

EDUARDO, *no extremo da alegria.*

Emilia!.. Emilia!.. (*Olhando-a fixamente*) Em meus braços!... Depois de tão longa ausencia!... Oh! que ventura! (*Olhão-se ambos por algum tempo com amor e ternura.*)

EMILIA, *indicando Fernandez Guido.*

Eis a quem agora sou devedora de tudo... Durante oito annos vos temos procurado...

EDUARDO, *para Fernandez Guido.*

Oh! perdoai-me não vos ter agradecido a ventura que acabais de me restituir.. (*para Frei Anesio*) E a vós também, Frei Anesio, por guiardes á cabana de um solitario que tendes favorecido aquella que elle durante oito annos tem chorado.

FERNANDEZ GUIDO.

Jurei não descansar emquanto vos não encontrasse.

FREI ANESIO.

Durante oito annos vos tenho conhecido como solitario. — Quando querieis construir esta cabana, eu vos appareci e ajudei a construi-la. Também construi a minha perto desta, e sempre vos trazia sustento para a vida... — Durante este tempo, o disfarce tem encoberto a vossos olhos aquelle que tendes julgado morto.... (*Espanto geral*) Mas hoje que o destino nos reunio a todos, quero dar-me a conhecer. (*Arremessando para longe de si a sua comprida barba*

*branca e a cabelleira postiça*) E agora, abraçar a Eduardo, meu irmão.

TODOS.

Olavo!

EDUARDO, *abraçando-o.*

Olavo... meu irmão!... sois vós... ereis vós!... Oh! o Céu me abençôa, pois que reunio hoje sob este mesquinho tecto aquelles que me são tão caros!

OLAVO.

Pela vossa firmeza na desgraça, alcançastes de Deos o premio merecido.

FERNANDEZ GUIDO, *á parte, com terror.*

E eu, por meus crimes, o castigo merecido! (*Chegando-se a Olavo com voz submissa*) O meu segredo, Olavo, nunca o reveleis.

OLAVO, *o mesmo.*

Nunca...

FERNANDEZ GUIDO, *para Eduardo.*

Haveis agora de abandonar esta solidão; ireis habitar com ella a mesma quinta onde tantas vezes vos vistes, e ireis sanclificar aos pés do altar as vossas antigas promessas.

EDUARDO, *pegando ternamente na mão de Emilia.*

Quão felizes seremos!... E em companhia de um irmão dedicado como nenhum!... Oh! só eu... só eu que experimentei o extremo infortu-  
nio, estava preparado para gozar a suprema ventura!

EMILIA, *com amor.*

Deos assim o quer finalmente!

FERNANDEZ GUIDO.

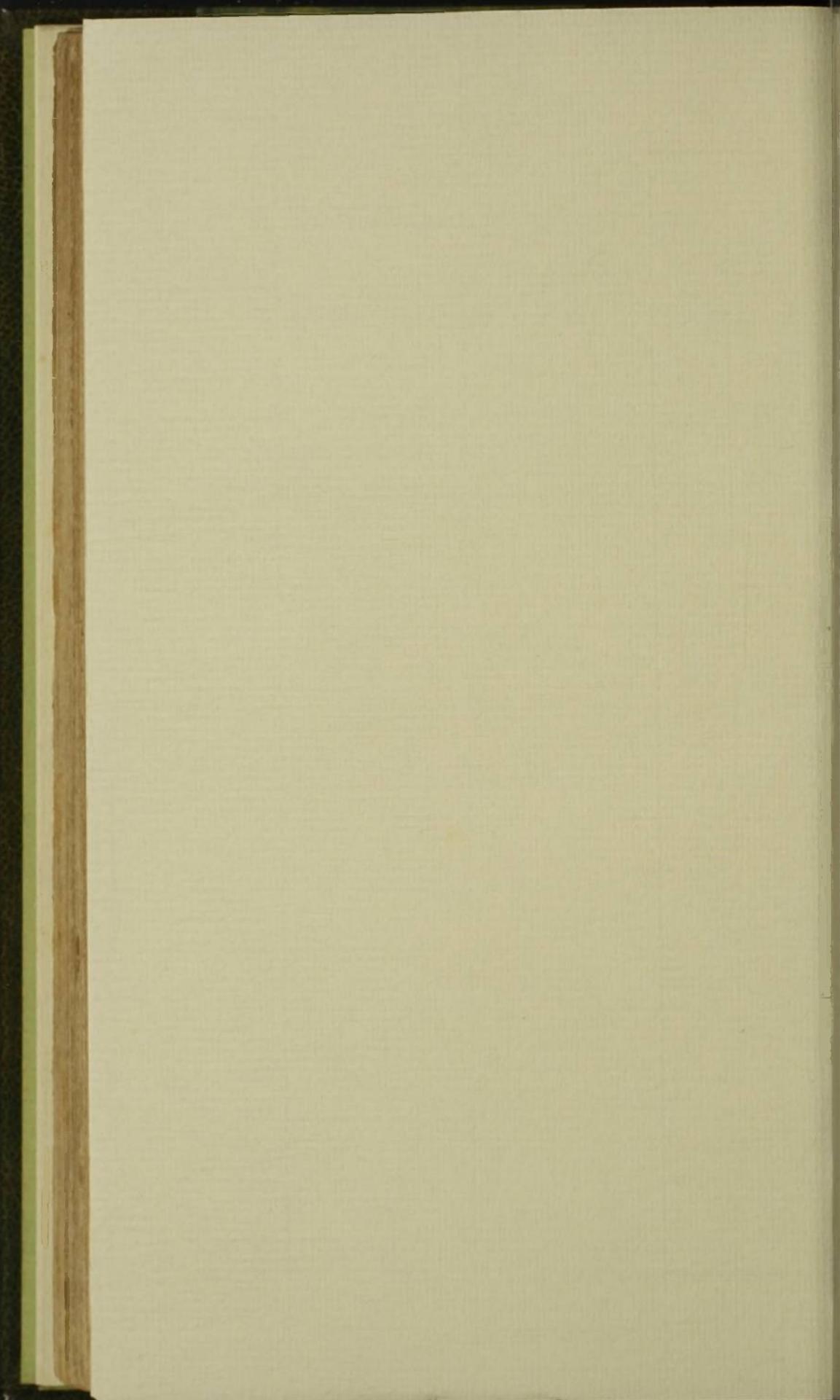
O hymeneo corôará a vossa felicidade.

OLAVO.

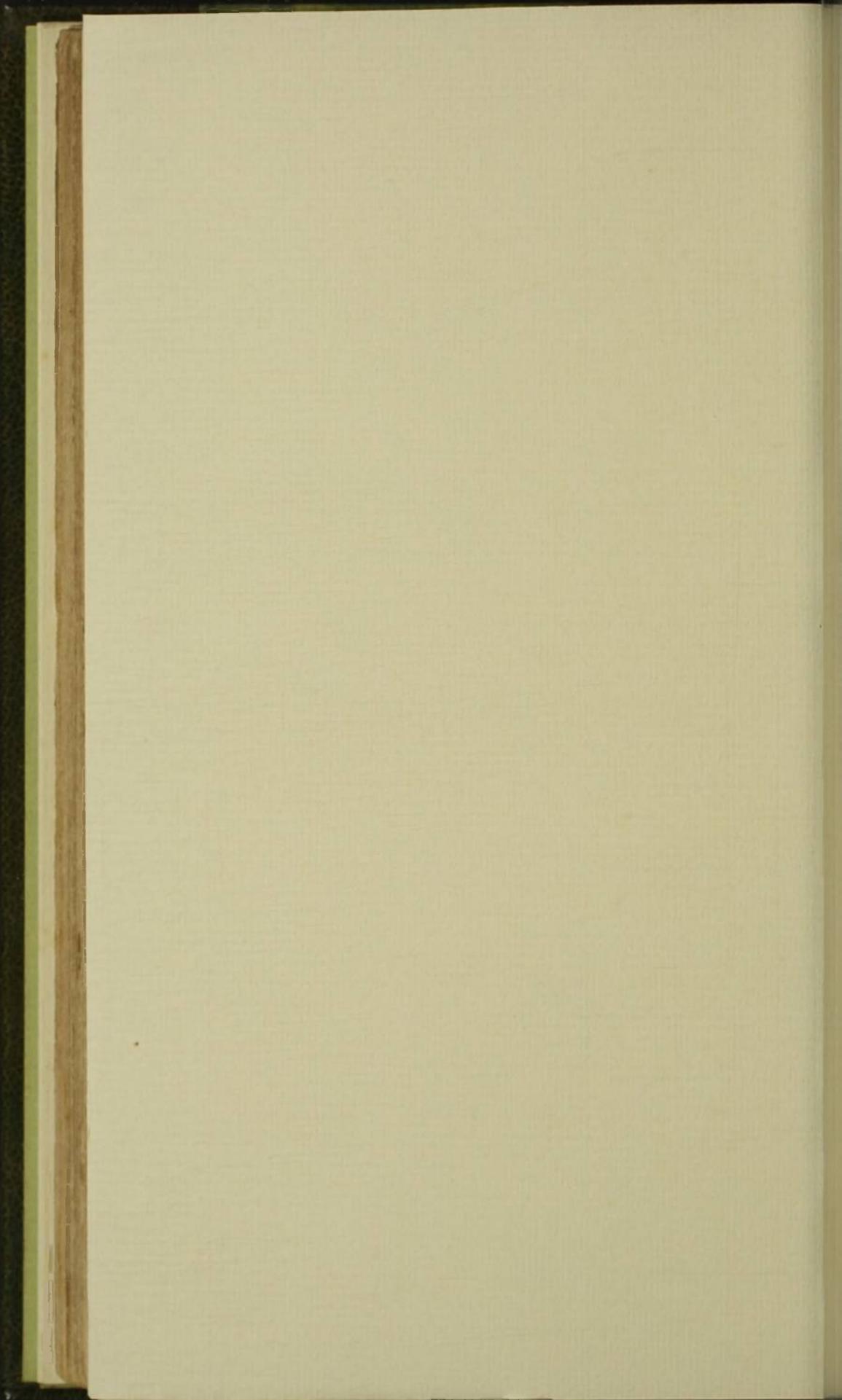
Sim: estes dous corações tão semelhantes pela sua virtude e lealdade unir-se-hão para sempre, e terão premio da sua constancia.

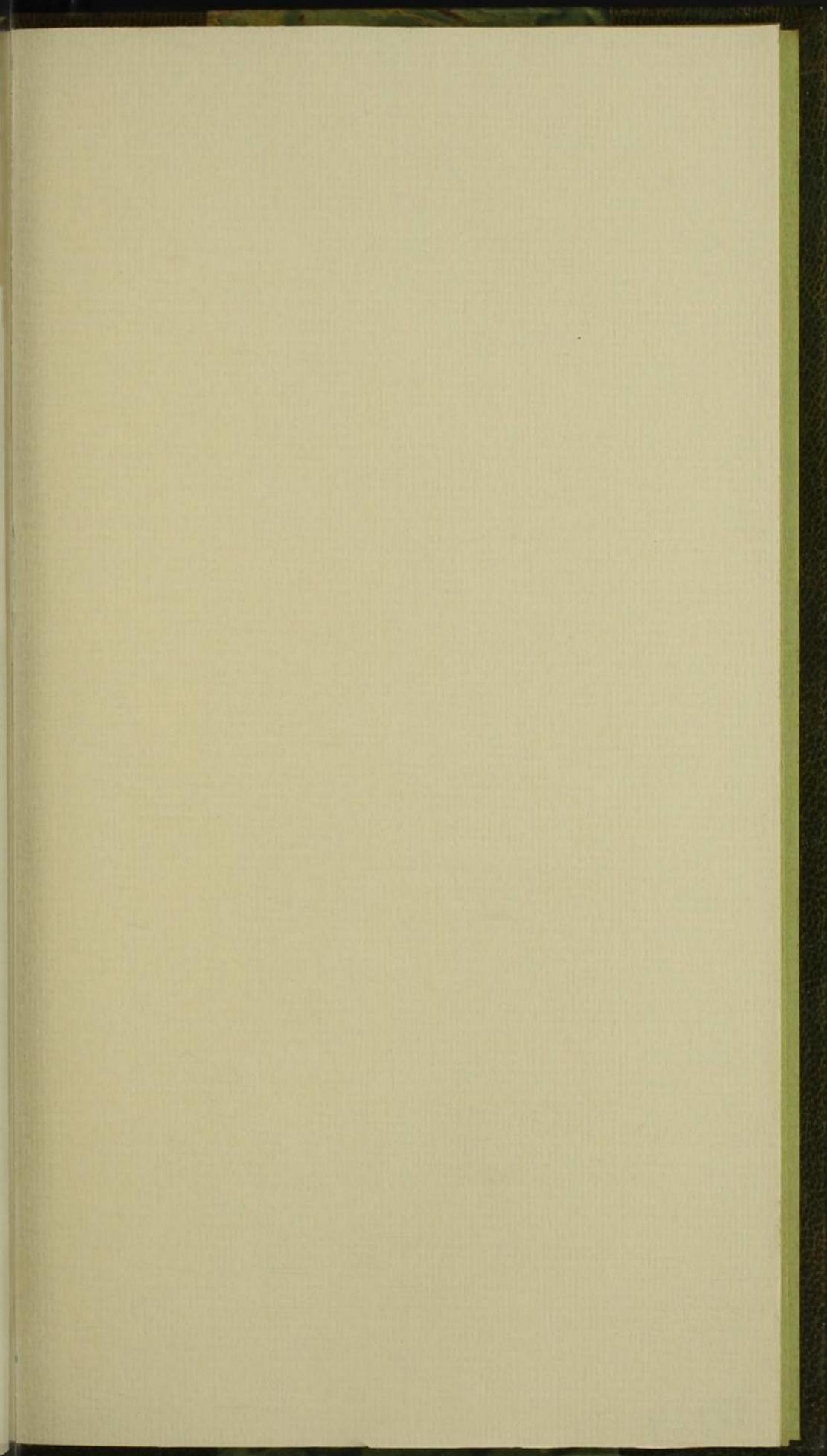
FIM DO DRAMA.











18924

